

MARCOS MONTEIRO ALMEIDA

CIDADE E ANTÍTESES: Uma leitura do romance *Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir.

BELÉM- PÁ
2005

MARCOS MONTEIRO ALMEIDA

CIDADE E ANTÍTESES: Uma leitura do romance *Passagem dos Inocentes* de Dalcídio Jurandir.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos Literários.

Orientador:
Prof Dr. Silvio Holanda

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**BELÈM
2005**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do Centro de Letras e Artes/ UFPA, Belém-PA**

Almeida, Marcos Monteiro.

Cidade e Antíteses: uma leitura do romance Passagem dos inocentes de Dalcídio Jurandir / Marcos Monteiro Almeida; orientador. Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira Holanda. _ 2005

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Mestrado em Letras, área de concentração: Estudos Literários, Belém, 2005.

1. Jurandir, Dalcídio, 1909-1979. 2. Passagem dos Inocentes.
I. Título.

CDD: 20. ed. 869.93

A Deus, razão maior de prosseguir em tudo.

À minha mãe, sempre tão calorosa e cúmplice nos meus projetos de vida.

Aos meus irmãos Dalila, Lília (*In memorian*), Elionai e Samuel.

À minha esposa, Ana Carolina, motivo maior de minha alegria e contentamento.

Ao meu pai, Waldemar Almeida - *In memonan*, meu maior exemplo.

Meus agradecimentos especiais.

Ao Professor Dr. Sílvio Holanda por ter aceitado minha escolha em tê-lo como orientador.

Aos meus queridos Mestres da Pós-Graduação, Marli Furtado, Maria do Socorro Simões; Christophe Golder; Günter Pressler e Guilherme Castro, pelas discussões tão elucidativas e instigantes nas aulas ao longo do curso.

Aos amigos de turma: Rômulo Sant'anna (*in memonam*), Vasti Araújo, Edson, Jonathan Santana, Francisco Smith, Alfredo Garcia, Cleide, Elielson Figueiredo, Michelle Robert, Rosane, Rosamaria, Rosa (de Bragança), Fernando e Ângela Maria.

Ao professor Alves, companheiro de trabalho e amigo, pelas orientações e esclarecimentos.

À Regina (da biblioteca) pela urbanidade e paciência no atendimento.

Aos novos amigos de Cachoeira, conterrâneos de Dalcídio Jurandir.

RESUMO

Este trabalho não pretende discutir as inúmeras leituras que as obras de Dalcídio Jurandir vem merecendo ao longo dos anos; deseja, tão somente, apresentar uma proposta de leitura do romance *Passagem dos Inocentes*, na perspectiva do Materialismo histórico-dialético. A ênfase do trabalho reside na metáfora que aproxima semanticamente o título do romance ao processo de emancipação crítica verificado em seu protagonista. As fases dialéticas da *tese*, *antítese* e *síntese*, no processo de auto-realização verificado em Alfredo, processam-se numa cadeia contínua a partir dos seguintes estágios: ilusão ideológica; decepção com a *urbs* e, por último, auto-realização com a construção de um percurso contrário a *urbs*.

Palavras-chave: Passagem dos inocentes. Dialética. Metáfora. Emancipação. Protagonista.

ABSTRACT

This text does not aim to discuss about all different readings that have been done on Dalcídio Jurandir books over the years. instead, it intends, at least, to present a proposal of reading the novel *Passagem dos Inocentes* based on the Dialectical Historical Materialism perspective. This work emphasizes the metaphor which makes the title of the book and the critical emancipation process verified in his main character being semantically closed. The dialectical stages of this work are: anti-thesis and synthesis which are verified in the main character, Alfredo, in his process of self-realization. These stages are processed in a continuous chain: ideological illusion, deception about Urbs and self-realization on his new way opposed to Urbs.

KEYWORDS: Innocent Passage, dialectics, metaphor, emancipation, main character.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	9
II	<i>PASSAGEM DOS INOCENTES: UMA PEQUENA PASSAGEM PELO ENREDO</i>	14
III	EM BUSCA DA SÍNTESE: A IMAGEM QUASE DIALÉTICA DA CIDADE E DE SI MESMO	30
IV	UMA PASSAGEM PELO SOBRADO E PELO MUCAMBO	62
V	TUDO PASSA, TUDO É MOVIMENTO: O SONHO, A CIDADE, A INOCÊNCIA	70
VI	CONCLUSÃO	76
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

I - INTRODUÇÃO

A leitura da obra de Dalcídio Jurandir tem provocado inúmeros interesses em meio aos leitores iniciantes, especialistas, bem como críticos que, ainda, escassas linhas têm produzido acerca da vasta obra do autor.

Passagem dos Inocentes, assim como os demais romances escritos por Dalcídio Jurandir, desde a primeira leitura, impressiona em função de inúmeros componentes que caracterizam a tessitura das obras do romancista marajoara.

Várias considerações vêm sendo feitas em torno dos aspectos formais deste que é o quarto romance de um projeto pessoal sustentado pelo romancista, de escrever uma seqüência de obras que constituíssem um Ciclo de Romances do Extremo Norte¹

Passagem dos Inocentes, na cronologia dos romances que compõem o ciclo do Extremo Norte, foi antecedida pelas obras *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958) e *Belém do Grão-Pará* (1960).

O artifício do narrador de jogar com o tempo e o espaço; a mistura de focalização em que o narrador passa repentinamente da terceira para a primeira pessoa; a supressão de conjunções, priorizando um tipo de oração em detrimento de outra; a singular pluralização da primeira pessoa; o freqüente uso de diminutivos afetivos e outros detalhes, são alguns dos vários aspectos formais levantados por inúmeros estudiosos das obras dalcidianas.

O professor Paulo Nunes, por exemplo, tem investigado, entre outras coisas, o porquê do escritor, mesmo tendo sido premiado em concursos literários nacionais

¹ Expressão usada pelo Professor e Filósofo Benedito Nunes para se referir à vasta produção literária do escritor Dalcídio Jurandir. Provavelmente a expressão fora primeiramente cunhada pelo crítico Themístocles Linhares.

desde o início da carreira, injustamente ficar à margem da crítica literária especializada que, quando raramente se refere ao escritor, assim o faz com meras e, por vezes, equivocadas citações.

Vale ressaltar também, o trabalho da professora Marli Furtado que, em sua Tese de Doutorado, investigou a profunda dimensão existencial contida nos romances de Dalcídio; outros pesquisadores vêm revelando-se na leitura dos romances dalcidianos e, se aqui não foram citados, também não significa que seus trabalhos sejam menos relevantes ou que os mesmos foram esquecidos.

Ler *Passagem dos Inocentes* é buscar o prazer do confronto entre a realidade e a ilusão, amalgamados numa trama que se realiza, primorosamente, num todo ficcional nas obras do romancista marajoara.

Ler *Passagem* é entregar-se à tentação do extraordinário esforço em reconciliar imagens que parecem saltar das páginas; imagens que crescem prontas para brotar como sementes de significação; sementes de palavras plantadas por um *narrador-semeador*, tão seguro ao seu labor literário, quanto lúdico no *que fazer-poético*. Escrever romances, para Dalcídio Jurandir, iguala-se ao trabalho de semear e *Passagem dos Inocentes* é, sem sombra de dúvida, um celeiro de imagens, ritmos, idéias e poesia.

Valendo-se da dicção da oralidade popular, o escritor trabalha como um recriador de narrativas. Realiza-se enquanto *narrador-mestre* que tanto re-cria quanto recreia ao narrar.

A obra *Passagem dos Inocentes* revela o grande contador de casos que foi o Dalcídio Jurandir e também expõe a talentosa capacidade do romancista em chamar o leitor, ao pé do ouvido, para colher atentamente tudo o que ele conta com a destreza de um *clown* narrador.

Ler *Passagem dos Inocentes* é reconhecer que não há como dominá-la ou decifrá-la em sua totalidade. É sentir-se, inevitavelmente, de passagem por um mosaico de situações e de imagens fugidias, ou mesmo, “ariscas’ como o próprio autor assim o diria. Na leitura da obra não há como não se entregar ao crescendo narrativo proposto pelo narrador um crescendo narrativo que escoar liquidamente pelas velas de um texto que vasa², tal como o menino Alfredo quando cismava em “ganhar o mundo’ em suas vadiagens por Belém, Muaná, ou Cachoeira.

Obra publicada em 1963 e, novamente publicada vinte anos depois, *Passagem dos Inocentes* é objeto do meu estudo que investiga as múltiplas faces — tratadas aqui como Imagens — que Belém dos anos vinte apresenta, à luz do olhar de seu protagonista, o menino Alfredo.

As imagens “recolhidas’ com base nas múltiplas vozes narrativas da obra, constituirão o corpo de análise dos cenários de uma cidade que revela suas contradições por meio da brutal oscilação entre a realidade e o sonho; entre o devaneio e a ruína; os monumentos e a lama; o centro e a periferia.

Entre outros aspectos, meu estudo investiga, na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético, não somente a maneira como a personagem Alfredo internaliza as contradições do mundo ao seu redor, mas também como essa internalização” é importante para que o espaço geográfico e humano da cidade de Belém dos anos vinte seja, por ele, *re-significado*.

As imagens da cidade aqui analisadas, portanto, são entendidas, como um espécie de *re-significação* espaço-temporal; como síntese dialética do conflito entre o concreto e o abstrato; entre os devaneios de uma cidade sonhada na infância e a flagrante concretude da realidade urbana.

² Expressão referente à comparação feita pelo professor Paulo Nunes entre as obras dos escritores Graciliano Ramos e Dalcídio Jurandir. Na comparação, o professor diz que enquanto Guimarães Rosa usa a poética da aridez do sertão mineiro, Dalcídio usa a poética aquosa do Marajó.

Tais aspectos tão intrínsecos à ficção dalcidiana dão, não somente ao romance *Passagem dos Inocentes*, mas também à manifestação artística e à própria ficção, possibilidades de reordenação do espaço e do homem no tempo.

Os desencantos de Alfredo ao longo de sua estada em Belém serão analisados, não somente como gênese formadora de um novo olhar em relação à cultura e à urbs, mas, como fator preponderante na construção de um percurso contrário à cidade; um percurso anticoncentrista, isto é, em direção contrária ao centro da cidade; adverso aos anseios burgueses que vêem o centro e a experiência da *urbs* como uma das mais absolutas necessidades do homem.

A análise a que se propõe esta dissertação visa, finalmente, a mostrar que o percurso anticoncentrista ou, desaburguesante, adotado por Alfredo se deu em decorrência da constatação crítica de que a própria experiência da *urbs* se encarrega em destruir a imagem de cidade erigida nos seus sonhos da infância.

Este trabalho foi estruturado de maneira simples. Procurou seguir, inclusive, a própria linearidade observada no romance *Passagem dos Inocentes*.

A introdução pretende apresentar uma visão panorâmica acerca dos objetivos pretendidos no estudo, bem como explicitar o referencial teórico por mim adotado na leitura da obra; isto é, concentrei-me no esforço de construir uma leitura do romance

Passagem dos Inocentes de Dalcídio Jurandir, na perspectiva do Maternalismo Histórico Dialético³

No capítulo I, proponho-me a fazer uma pequena passagem pelo enredo, com o objetivo de situar o leitor ao longo dos nove capítulos do romance; o primeiro capítulo, portanto, consiste num *resumo transcritivo* da obra de Dalcídio.

No capítulo III, concentro-me na experiência da *urbs* construída gradativamente pelo protagonista durante sua estada em Belém; seja na periférica

Passagem dos Inocentes ou nos aburguesados logradouros da Estrada de Nazaré. Este terceiro capítulo é de suma importância porque nele procuro mostrar o desenvolvimento de uma percepção mais crítica do protagonista acerca das contrastantes imagens da cidade.

No capítulo IV, apresento a linhagem genealógica de Alfredo bem como as contradições sociais que ele já percebia desde o Marajó quando transitava entre o mucambo do avô em Areínha e o chalé do Major Alberto no município de Cachoeira.

No capítulo V, procuro finalmente mostrar como as imagens de cidade construídas por Alfredo são decisivas para que ele ascenda a um nível de leitura mais crítica do mundo e de si mesmo.

No último capítulo deste trabalho, sugiro que o regresso de Alfredo para o Marajó não deve ser lido unicamente, como simples regresso de férias escolares, uma vez que ele próprio deseja jogar nas águas da baía, a cidade de Belém que parecia ter conhecido de fato. Minha leitura, portanto, interpreta este regresso como presságio de um desencanto do protagonista⁴ com a Urbs; um desencanto que, dialéticamente representa talvez, a mais importante metáfora trabalhada magistralmente em *Passagem do Inocentes*: a passagem do protagonista de uma concepção inocente de cidade a uma concepção – síntese, caracterizada pelo desencanto de Alfredo com a cidade.

³ Gustav, A; Wetter, S. Filosofia e Ciências da Natureza na União Soviética. P. 17-22.

⁴ O desencanto do protagonista a que me refiro, segundo a terceira Lei da Dialética ou Lei da Contradição. corresponde à fase da negação da afirmação, fase esta fundamental ao processo emancipatório de Alfredo.

II- PASSAGEM DOS INOCENTES: uma pequena passagem pelo enredo.

“Na massa mestiça de camponeses, pescadores, portuários, marítimos, artesãos, biscateiros, trabalhadores, gente suada e insignificante, é que o romancista vai buscar os seus personagens principais — a massa que borbulha em suas páginas”.

Astrojildo Pereira.

Entendendo ser primeiramente necessário situarmo-nos, eu e o leitor, em tomo do enredo da obra *Passagem dos Inocentes*, apresento aqui um resumo transcritivo do romance, recortando o que suponho essencial em cada um dos nove capítulos da obra de Dalcídio Jurandir.

O **primeiro capítulo**, “*No Muaná o Chalé Separa-se*”, inicia-se narrando a visita que major Alberto, O. Amélia e Alfredo fazem à Areinha; pequena vila, nos arredores de Muaná; lugar onde ficava a cabana do avô de Alfredo, o velho Bibiano, pai de D. Amélia.

Durante a visita do Major, D. Amélia e Alfredo, dá-se a festa preparada por Ezequiel, um dos irmãos de D. Amélia que convocou praticamente toda a Areinha para dançarem a visita dos três à barraca do velho Bibiano e, principalmente do sobrinho e da irmã que Ezequiel não via há algum tempo.

Major Alberto, chega logo após, em meio à festa que rompia a noite. Mesmo não manifestando publicamente qualquer afeto ou maior intimidade com O. Amélia, o major é tratado como um marido exemplar e, que merecia de Amélia, uma atenção quase de esposa submissa. Ele apresenta-se discreto a todos, apresenta uma atitude exemplar de união tradicional, com feições cerimoniosamente patriarcais entre o casal.

Em *No Muaná o Chalé Separa-se*, retratam-se também, os momentos iniciais da estada de Alfredo em Belém, na casa de D. Cecé. Narra-se o retomo do menino, em meio a noite chuvosa, na companhia de Leônidas, à *Passagem dos Inocentes*. Passagem em que ficava a casa de D. Cecé, onde Alfredo residiria enquanto estivesse estudando na capital.

Neste capítulo, o leitor fica conhecendo a origem de D. Amélia, conhece também a palhoça em que O. Amélia foi criada, em Areinha, pelo velho Bibiano, avô de Alfredo. Esse capítulo revela a decisão da vinda de Alfredo, nele se dá o convite de D. Cecé para que Alfredo hospede-se em sua casa, em Belém.

O segundo capítulo tem como título: “*Caminho da Mac-Donald*”. O título é uma ironia à ostentação que D. Cecé apresentava quando estava em Muaná. Todos de lá, achavam que ela morava em rua calçada em Belém; imaginavam que sua casa era na passagem Mac-Donald — passagem central e que dava acesso à Estrada de Nazaré.

Na verdade, poucos de Muaná sabiam que D. Cecé residia numa passagem bem distanciada da que ela subentendia morar; residia na *Passagem dos Inocentes*; lugar em que Alfredo vai repugnar porque era distante do centro, era alagada e repleta de mosquitos e carapanãs.

O **segundo capítulo**, portanto, revela o primeiro choque de Alfredo com a Belém que ele desconhecia. A Belém da lama, da escuridão e da miséria; a Belém da *Inocentes*.

O terceiro capítulo “*Anos Atrás na Fuga a Bordo*”. O narrador relembra o passado de D. Cecé. Nele, narra-se a tentativa de D. Cecé, ainda muito jovem, de fugir à bordo do navio “Trombetas” fuga que a fez deixar para trás não somente o

casamento com Antonino Emiliano, seu noivo, como também a família que dela muito se orgulhava.

No terceiro capítulo, o leitor também fica conhecendo o trauma que torturava D. Cecé trata-se do flagrante de adultério em que esta surpreendeu sua própria mãe, D. Teodora Coimbra de Oliveira. A mãe de D. Cecé, entre as bananeiras do quintal, entregava-se, sem reservar aos seus desejos sexuais com o coletor federal, o Sr Messias de Meio, amigo da família e que os visitava, vez ou outra, quando estava em Cachoeira a trabalho.

A principal motivação da fuga de D. Cecé a bordo do “Trombetas” é, no segundo capítulo, explicitamente apresentada nas digressões da própria personagem:

E só posso me explicar neste navio pelo que vi nas bananeiras? Isto não é o bastante? Mas é uma explicação? Fugindo assim não me tomei cúmplice, não agravei tudo calando o que escutei, vi? E se tivesse falado? Falar ou fugir, qual o pior? Melhor não foi meu sacrifício?” E será sacrifício êste meu, ou minha soltura, não mais Coimbra nem Oliveira nem Cecé, só a Celeste? Vergonha menor? Ou simples sina, cumprida, desta vez diante do público, no maior grau, misturada de abusões e lendas, ao avêso da outra sina cumprida, grunhida, embolada debaixo das bananeiras? E esta, das bananeiras, quantos anos repetindo-se? Quantas noites no mesmo grunhir debaixo das bananeiras? Melhor rir daqueles retratos no sobrado, poindose na sala, vissem o que atrás deles se escondia. Rir da vergonha da família no meio da rua, na porta do mercado, na boca do forno da padana: Cecé fugiu feito uma qualquer ordinária.

(PI, 91)

No **quarto capítulo** “A Caminho do Barão”, narra-se o percurso que Alfredo tomava para chegar, da casa de D. Cecé, na *Inocentes*, até o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, que ficava na estrada Generalíssimo Deodoro, antiga Dois de Dezembro, já na Estrada de Nazaré. Nesse capítulo aparecem as principais imagens da cidade captadas por Alfredo: O Or. Freitas, O grupo Barão do Rio Branco que contrastava com o primeiro que era tido por Alfredo como Colégio feio e de

péssimas professoras; a grande Basílica; A Santa Casa de Misericórdia e o Necrotério, ambos no largo de Santa Luzia.

Ainda no quarto capítulo, o leitor conhece as duas faces da cidade que se contrastam: a da imponente riqueza da *Belle époque* e a desassistida e periférica presente.

A confrontação de imagens contrastantes se dá, neste capítulo, de maneira concreta e Alfredo as capta criticamente, lendo detalhadamente os cenários ao seu redor.

Em “*Caminho do Barão*”, conhecem-se os imponentes sobrados burgueses do fausto período da borracha, mas também são apresentadas imagens da miséria, da periferia e, principalmente, da a imagem degradante da *Inocentes*.

Na capital o sobrado e o mucambo também se encontravam, tal como no Marajó em que se tem o sobrado da família de D. Cecé e o chalé do Major Alberto. Em Belém, Alfredo impressionava-se com a casa apalaçada em que residia um de seus colegas do Grupo Barão do Rio Branco; tratava-se do rico estudante chamado Lamarão; Alfredo não entendia porque um garoto com aquele padrão social estudava no Barão do Rio Branco.

Continuava na São Jerônimo, habitante daquele palacete onde não se via o dono nunca, um rosto da família, só uma vez a criada, as mãos dela reluzando as lustrosíssimas maçaneta da porta nem um sussurro dentro nem um cão nem uma colher caindo. Em baixo e em cima, muito sérias as janelas fechadas, vidraças baixo e em cima, vidraças que nem espelhos e em que as mangueiras da São Jerônimo se miravam. E aqui fóra, as grades, o portão alto, de ferro as argolas amarelas. Noutra lado da rua, defronte, ficava o Alfredo entre aquele mistério e a casa do jardim que vendia flor, com as suas varandas em cima e em baixo escancaradas sobre os canteiros que rodeavam a vivenda. Na espera de Lamarão, bem que de Antônio Alfredo se lembrava. Me vem, Antônio, certeiro me atirar uma simples pedra no vidro tão fino de uma janela ali, estilhaçando o silêncio, bate no jarro, vira uma louça era uma vez a porcelana. De repente dar de bater a bom bater na maçanêta dourada como botão de uniforme de gala? Te abre, te escancara, palacete; atira manga na vidraça, mangueira, chega de te mirar no espélho, chega de te achar bonita, os daí de dentro só comem maçã.

(PI, 111)

O quarto capítulo mostra a predileção de Alfredo pelo Grupo Escolar Barão do Rio Branco e não pelo Dr. Freitas. Do Barão admirava a localização, a arquitetura e a professora Mana Loureiro Miranda.

Nesse quarto capítulo, também se dá a chegada de Arlinda à casa de D. Cecé, na *Inocentes*. A menina é oriunda do interior do estado e vem para ajudar D. Cecé nos afazeres domésticos.

‘*D. Celeste a bordo*’ é o título do quinto capítulo. Nele a ação se dá em torno da volta de D. Cecé à casa paterna e relata o fracasso de sua fuga no *Trombetas*.

Através de digressões remissivas, a ação ocorre, por meio de recordações de D. Cecé que, ao abrir sua antiga mala em que ainda conservava o vestido da frustrada fuga, vai lembrando tentamente o ocorrido:

- Por que estamos? Com o furo da Conceição por Bombordo. A proa entre as pontas das ilhas do Caim. No primeiro camarote, eu era a fugitiva, aqui neste a devolvida. Como se fosse possível devolver a mesma que embarcou.

- Disse Caim? As ilhas do Caim?

O comandante tinha desaparecido. Que se passa com ele que entra e sai, anda na promenade, desaparece, tossindo, fumando grosso?

(PI, 131)

D. Cecé recordava seu passado, ao mesmo tempo em que cuidava dos trabalhos domésticos. Em meio ao choro de seu filho, Belerofonte, que sofria de dor de dente, ela ainda sob o efeito de suas digressões, procurava acalmá-lo.

Após um longo balanço de sua vida, D. Cecé, neste capítulo, recorda da sua Lua de mel em que esteve hospedada no segundo andar do Grande Hotel:

Da terceira janela do segundo andar do Grande Hotel, ela podia ver o folharal cobrindo o largo da pólvora de onde irrompia, pesado e solitário, o Teatro da Paz. Aqui em baixo o terraço dos sorvetes e dos homens de branco ou paletó azul-marinho, calças de flanela, palhinha nova dos chapéus [...]

(PI, 158)

No capítulo *D. Celeste a bordo*, quinto capítulo portanto, a personagem D. Cecé vai de certa forma, avaliando a sua vida, desde o flagrante do adultério da mãe, debaixo da bananeiras; até o momento em que se encontra ali, na *Passagem dos Inocentes*; vivendo sem a abastança que tinha quando jovem no sobrado do pai.

Nessa revisitação do passado, aparentava certo arrependimento da vida que levava, tendo um filho que não parecia ser o que ela desejava; destruidor de tudo, inclusive, do vestido de sua fuga que ela guardava com carinho numa velha mala. D. Cecé também demonstrava calada frustração por estar casada com o seu Antonino; esposo sempre cheirando a cachaça e gastando seu tempo ocioso metido nas rinhas em brigas de galo:

Era um temor alimentado por uma espécie de inércia que sempre teve em educar o filho, culpada, por isso mesmo, se julgava cada vez mais responsável pelo monstrinho que dali saía [...] E o pai, atrás de fretes, transpirando mitologia e cachaça, suando nas rinhas, com um vermelhão na cara, gozando a sangria dos galos.

(PI, 164)

A cidade parecia ser a fuga de D. Cecé; mas uma fuga ineficaz porque logo se combinava à frustração de viver na miséria da *Inocentes*.

Seus sonhos alçavam vôos grandiosos, mas pouco demorados porque a realidade se encarregava de aterrissá-los imediatamente aos problemas do seu dia a dia. D. Cecé, mesmo vivendo distante do seu passado no Marajó, apresentava-se ainda fulminada pelas recordações do que ocorreu debaixo das bananeiras do quintal de seu antigo sobrado.

O sexto capítulo, “Belerofonte é Belo”, é o mais curto da obra. Nele, ao contrário do que se imagina, a narração gira em torno de Arlinda e, não somente em torno do filho de O. Celeste, o Belerofonte.

O capítulo apresenta a difícil vida que Arlinda levava na casa da *Inocentes*. Trabalhava incessantemente; servia sem restrições e com bom humor, essa era a exigência de D. Cecé e, ainda por cima, Arlinda era enxovalhada pelo irrecuperável Belerofonte.

Alfredo, silenciosamente tomava partido em favor de Arlinda. Solidarizava-se à causa dela porque, mesmo não passando o que a menina passava — Arlinda não teve a sorte de ser filha do Major Alberto — ele se igualava a ela na condição de agregado ali, na *Passagem dos Inocentes*.

De resposta Alfredo *viu* foi Minda voando ao berro do Beléro: Café Cabeça de pipira' Taíinha Diabo na saia! Burra Cega! Madame Urubu' Me dá café voando, senão tome malagueta no rabo, voando!

Voando. Alfredo até num susto com o sumiço dela e já na cozinha a Minda ocupava as suas mãos e pés para poder fazer as coisas que Beléro berrava, azunhando-lhe o pescoço. Mas dela nem um pio, que fôsse um. Num cofre a voz guardava, encastoada entre o cabelo da mãe.

(PI, 171)

Arlinda era quem suportava toda sorte de maldades do garoto, enquanto isso, D. Cecé mergulhava em devaneios maternos, sonhando que do filho, surgisse um importante oficial da Marinha:

- Meu filho é belo. Destino d'ele é a Marinha, no navio-escola correndo os mares, me mandando retrato e os cartões do vulcão Vesúvio.

Falava do filho como se o tivesse gerado dum capitão de encouraçado inglês que passasse uma noite por Belém. Não dizia nem bonito nem lindo dizia belo. E dizia com voz cheia e doçura.

(PI, 172)

Alfredo, ironicamente, não tinha a mesma opinião da mãe acerca de Belerofonte. Sem economizar desdêns, avaliava o filho tão amado de D. Cecé.

De que filho ela falava? Daquele que quis Ter, não teve, na viagem de que pai? Alfredo, por um instante, entendia que não era mais do filho que d. Celeste falava, mas dela mesma no meio da sala, mesma no meio da sala,

metida no mistério da Quarta-feira, no espelho, enfiada na janela, à espera de alguém que viesse buscá-la ou querendo ouvir o apito do navio lá no pôrto, que a esperava. Mas de apito só o Utinga, às nove, apitava. Queria ver a rainha chamar de belo a quem dava ao porco, tôdas as manhãs, uma ração de vestido. Tantas vêzes tinha visto, sim, mas, depois daquela noite, não: a mãe pareceu Ter obitido do filho um juramento de não repetir mais outro-outro daquela hora em diante. E agora? Me mostra o teu oficial de Marinha, mãe gabola, o teu mimi na tina d'água ganhando sorte com o jabutizinho entre as pernas, me diz, mãe da formosura.

(PI, 173)

No sétimo capítulo, ***O Passeio, a mosca e os anjos***, o narrador apresenta a ironia com que a personagem chamada por Alfredo de Cara-Longe, subentendia lá na taberna da Boca, onde Alfredo ia comprar querosene, que D. Cecé, em seus passeios das quartas-feiras traía o seu Antonino Emiliano. O próprio Cara-Longe se dizia porta-voz de todas as pessoas e, principalmente, mulheres daquela Inocentes.

Quando Alfredo ia à taberna da Boca, mandado por D. Cecé para comprar mantimentos, encontrava, muito a contra gosto, o Cara-Longe que dizia conhecer cada metro daquele trajeto feito, às tardes das quartas-feiras por D. Cecé.

Alfredo não se sentia bem ouvindo as suspeitas do Cara-Longe. Não achava correto dar ouvidos ao beberrão, estando como hóspede na casa de D. Cecé. Sentia-se desleal com a sobrinha de seu pai, dando ouvido às desconfianças do Cara-Longe, uma vez que era ela, D. Cecé, quem o dava abrigo enquanto estudava na capital.

Neste sétimo capítulo o leitor adquire algumas informações também de Leônidas, irmão de D. Cecé. Rapaz ocioso que não gostava de trabalhar pesado e, por isso, ganhava a vida como alfaiate de beira de no. Leônidas era homem de muitas paixões; sempre retardava devolver o barco de seu Antonino Emiliano porque ancorava nas ilhas, fazendo pequenos cortes de tecido e namorando as ribeirinhas. Leônidas dava um certo orgulho à irmã, porque mantinha um namoro falido, há dez anos, com a filha de um magistrado:

A moça a Amarílis, educada no Colégio de Santa Catarina, era filha adotiva do desembargador Serra e Sousa, homem de poucas letras jurídicas ma de muita sobrecasaca e leque no Fôro e que em sua casa nuncaia à mesa sem gravata e paletó. Quando vinha a Belém, para visitar a noiva, o Leônidas tinha de enfarpelar-se a rigor. A criada, de uniforme, o recebia, ligava o lustre mostrando a pesada sala daquele sobrado que atulhava a esquina da Ara Preste Manoel Teodoro. Alto, gomado da cabeça aos pés, lacônico, o Desembargador sentava na sua cadeira de embalo e abria o leque, a abanar- se. A senhora, chegando, num boanoite, seu Leônidas, e a família? Muita febre por là? Abatia-se, num surdo alívio, noutra cadeira de embalo, a embalar, a embalar. Descia então a noiva, num passo de retardatána, apertava a mão do noivo, já sentadinha no sofá ao pé de macambúzia estatueta de bronze que era a Justiça. Logo ao embalo das cadeiras e no rumorejo das mariposas em tomo do lustre, morriam os assuntos. Enfarpelado, duro na cadeira, lenço na testa no cangote, o Leônidas entava colocar bem o seu pronome, falando de Pernanbuco, do navio italiano e logo se ia todo o esforço ao embalo das cadeiras e dos fugidios monossílabos da noiva A cilada, de uniforme, trazia o café num charão austero. O Utinga apitava, já? Às nove? Leônidas, perfilando-se, pedia licença. Os três, de pé, recebiam os cumprimentos do noivo que saía. Na rua, sacando o paletó e gravata, coma o noivo ao Ver-o-Peso, Pulava na proa de uma canoa do Arari, uma duas três talagadas pedia, bebia, sedento. E ao som dum cavaquinho e das velas sobem e descem na doca, o noivo emborcava sobre o rolo dos cabos até raiar. Assim dez anos. (P 1, 186)

Nota-se, nesse capítulo que a densidade narrativa inclui as imagens da cidade não apresentadas nos capítulos anteriores. O episódio em que se dá o passeio de D. Cecé é, sem dúvida, o mais importante porque através dele a narração percorre a cidade, apresentando ao leitor os sobrados, os monumentos e os protestos populares ocorridos na Belém dos anos vinte.

Antes, porém do passeio de D. Cecé. O leitor fica conhecendo como o seu Antonino Emiliano sustentava a família: vendia aos poucos, sem que D. Cecé soubesse os azulejos e as telhas do sobrado da família. Aos poucos o sobrado sumia, bem como a própria família de D. Cecé ia se dissolvendo após a morte de seu pai, o Dr. Feudo de Oliveira.

Lá naquele sobrado de azulejo, era a antiga família Oliveira que O.. Celeste gostava de representar nas festas de dezembro. Os Oliveiras espalharam-se no mundo. O juiz, um dia, deu o trinta-e-um num repente. O. Teodora, esta sem mais nunca abençoar a filha que fugiu a bordo, enfumou-se em Marabá, atrás das cachoeiras, em casa da filha mais nova, casada com um comerciante. Das outras irmãs, nem notícia. Ali no sobrado de azulejos, sou a última Oliveira. Uma das três Celestes que sou. E foi preciso fugir a dorso para conservar o nome.

(PI, 191)

Alfredo sentia-se no dever de provar aos da *Inocentes* a idoneidade de D. Cecé. Tomava isso como uma questão de honra e por isso, resolveu segui-la pelo longo trajeto.

O sétimo capítulo, através dos passeios de D. Cecé nos é permitido reconstituir o percurso do bonde elétrico urbano da capital nos anos vinte.

Apanhou o Circular, Alfredo também, em pé, atrás, o elétrico fugiu pela Dois de Dezembro, (justamente como riscou o Cara-Longe), depressa pelo Hidroterápico, o largo de Nazaré, o Barão, dobrou a Gentil, ladeou o Soledade, varando por entre as velhas palmeiras da 16 de Novembro. Na estação de Belém, um trem chegava esfalfado.

(PI, 193)

O passeio de D. Cecé mais parecia um flerte com a cidade que com algum amante. Ela saía da *Passagem dos Inocentes* para sentir o gozo da *urbs*; como quem deambula em êxtase por entre as vitrinas da cidade.

Mas a passeante, neste minuto, passa por baixo das janelas da família Arcoverde, onde exatamente, debruçadas nas almofadas, com seus penteados e leques e suas pinturas e pulseiras, uma em cada janela se encaixavam na moldura as três môças da família, donzelas de suas idades, louras de oxigênio.

(PI, 196)

D Cecé era inocente, as desconfianças quanto à suposta infidelidade ao seu Aritonino Emiliano eram falsas. Algumas vezes Alfredo se sentia ridículo, ao seguir os passos de D. Cecé porque ela trilhava passagens inocentes.

A errante entrou pela Piedade, desemboca na 15 de Agosto, some-se pela Manoel Barata, boiou nos Correios. Que se desatou nela que parece mas despachada, mais ligeira? Está no guichê do Posta Restante. Alfredo atento. Um mulato de óculos, mangas de camisa, vozeirão troou um “não, não, não tem, minha senhora”, depois de suada busca pelos maços. Alfredo estremecendo, escondeu-se entre os sacos postais. D. Cecé fugiu [...]

(PI, 197)

Alfredo rastreava todos os passos de D. Cecé, mas, em alguns momentos, acometido pelo encanto que a capital lhe causavam, perdia de vista D. Cecé que sumia por entre as lojas, praças e ruas.

No sétimo capítulo se dá o triunfal encontro de Alfredo com a cidade que ele também desconhecia. Depois de perder D. Cecé de vista ele é testemunha de um protesto contra o palácio, contra as autoridades médicas e até contra o clero que se mantinha inerte ao problema da epidemia que ceifava a vida de muitos recém-nascidos nas periferias satélites ao centro.

A massa era constituída de mulheres costureiras da Fábrica Aliança; de representantes da Sociedade Beneficente de Funileiros; membros da Federação das Classes em Construção Civil; de coveiros do Cemitério de Santa Izabel que ameaçavam grevar e, da UGT, União Geral de Trabalhadores, com sede na rua Dr. Moraes. Naquela quarta-feira, Alfredo perdendo dona Cecé de vista em pleno passeio; testemunhava a passeata da massa enfurecida com o descaso das autoridades com o acúmulo do lixo e a epidemia letal que afligia as criancinhas. E assim Alfredo percebia a quarta-feira: D. Cecé passando, ele a espionado e a massa de trabalhadores protestando em plena praça pública.

O **oitavo capítulo** retrata o desejo de Alfredo em retornar para Muaná. Sebastião chegara do Rio de Janeiro surpreendendo Alfredo que não sabia que seria levado por Sebastião, seu tio.

Ao saírem da casa de D. Cecé passam próximo ao campo de futebol que ficava ao pé da grande mangueira da *Inocentes*. O jogo ainda não havia começado; os meninos sentiam as expectativas preliminares da brincadeira. Ali onde estava o campo, no passado, aconteceram muitas festas que eram saudosamente recordadas pelos moradores mais antigos. Alfredo, sempre muito atento, vai se

despedindo da *inocentes*, mas ainda capta a informação que um velho anônimo, com um pequeno graveto de taboca à mão dá a um interlocutor desconhecido:

[...] o largo teve mastro de santo, foi terreiro de boi-bumbá, velório do Sandoval, de bichos, pastorinhas, muitas que ali estavam quanta vez não apreciaram o luar ao pé da árvore, outros fincaram bancos, e o tempo em que a falecida Fortunata ali colocava a panela e vasilhame do seu tacacá, assim de freguesia, e bem debaixo da mangueira? As mangas caíam rachando, recendendo pela Passagem, cada frutona, manga que era uma imundície, por êle, não pra manga paladar não tinha [...]

(PI, 226)

Este capítulo apresenta o futebol de rua como única alternativa das crianças se divertirem na *Inocentes*. Os moradores mais antigos não simpatizavam com a brincadeira porque além do característico barulho feito pelos brincantes, a bola, por vezes, invadia as casas pela janela quebrando alguns objetos, ou sujando as roupas estendidas nos varais da *Inocentes*. Alfredo, ao contrário, achava que o futebol deixava a *Inocentes* mais alegre, fazia-os esquecer os óbitos dos recém-nascidos.

Todas as periferias de Belém sofriam com a morte de crianças e a *Inocentes* não podia ser diferente. A paralisação dos serviços de limpeza pública foram por decreto oficial interrompidos e as moscas tomavam conta da cidade transformando, principalmente os bairros mais afastados da área central, em cenário sinistro e empestado de moscas, pois, o lixo se acumulava em função desta interrupção.

O nono e último capítulo, intitulado “Noite Em Santana”, marca a vinda de Alfredo para o Marajó. Embora não seja relatado seu retorno especificamente à casa de O. Amélia, subentende-se que seu destino seria esse. Sebastião e Antônio, ambos tios de Alfredo, navegam alegremente trazendo o sobrinho à casa dos pais. Alfredo observa encantado a destreza com que seu tio Antônio pilotava o barco “Santo Afonso”; percebe-se que Alfredo orgulha-se do tio; mesmo sabendo que D. Amélia, no passado fora surrada por ele quando negou revelar o nome do homem de quem engravidara.

Tio Antônio no pilotar, no comer, conversando, dormindo, tinha a aparência das pessoas de uma fidalguia negra, sua delicadeza, arrojo, perícia sem pavonice nenhuma, mas seu orgulho. E o olhar dele no tempo, na água, mato, boca do rio, certo?

(P 1, 238)

Neste último capítulo, Alfredo arrepende-se de não ter revelado à D. Cecé que seu Antonino havia vendido as telhas do sobrado da família. Culpava-se porque não achava digno ela ter viajado tão feliz para o Marajó, desconhecendo tal fato. O sobrado era motivo de ostentação para ela; vivia se referindo aos azulejos daquele sobrado, sem imaginar que seu Antonino também já os havia vendido.

Alfredo, na solidão em que o barco deslizava no Arari, meditava silenciosamente na Belém que deixava pra trás. Pouco a pouco se permitia conduzir pelo barco e pelos pensamentos em tomo da Inocentes, de Belém que agora, lentamente ia-se apagando da sua memória, à medida que se aproximava do Marajó. A noite, a calma do mar, a tranqüilidade com que seu tio pilotava a “Santo Afonso”, tudo gerava um estado de espírito propício ao divagar de Alfredo até que a embarcação chegou à Santana em dia de festa. Todos passariam a noite na ilha, inclusive Alfredo. A viagem no barco pilotado pelo tio de Alfredo apresentava calma suficiente para que ele fizesse um retrospecto de sua vida. Lembrava dos parentes e, sobretudo, do prazer que sentia ao ver o sorriso de D. Amélia.

No que ia vendo o barco no rio, ia também colhendo o rosto da mãe em seus miúdos tempos, os muitos rostos dela no tempo, na janela, ao pé do poço ou da filha morta, refletidos na cuia d'água, no espelho da festa de Areinha, os traços antes invisíveis, agora descobertos, espalhados na ilha, na espuma e correnteza, no virar da vela. Aquela viagem em que ela o levou para Belém se misturava nesta. Quando o ‘Santo Afonso’ aparecesse no estirão da Cachoeira, já na nanceira estaria ela?

(PI, 241)

A aproximação física de Muaná reduzia as lembranças que Belém despertava em Alfredo. Ele começava a se sentir mais em casa e menos dependente dos

favores de D. Cecé. Não mais a lama da *Inocentes*, mas o cheiro da várzea que recendia da Ilha de Santana despertava seus sentidos que se aguçavam em todas as direções na viagem. Todos os seus sentidos reuniam-se para o rio, para a ilha e à noite ao redor. Belém desaparecida no horizonte escuro e aquoso sumia agora também de seus sentidos ocupados com o mundo ao seu redor. De resto, apenas esparsas lembranças das contradições da *Urbs* que ficava para trás.

Neste instante, Alfredo joga nágua livro, professôra, Barão, o francês do Cara-Longe, a deusa de seu Antonino nascendo no casco de caranguejo, que todos viessem a êste colégio; em vez de perfume da professôra Mana Lourewo Miranda, êste cheiro de cabos, bijarrunas, baileu, esta mão preta do leme, entrando no rio.

(PI, 244)

Alfredo redimia-se com seu mundo de origem, como se estivesse redimindo o próprio “eu”. A viagem não era experienciada por ele como simples regresso de férias; era a experiência nova do encontrar sua individualidade quase perdida. No Muaná homem e natureza reuniam-se. A cada metro em que se distanciava de Belém, descobria um novo fascínio. Maravilhava-se, ao ver Sebastião, seu tio, jogar-se ao rio para se banhar dizendo não ser possível distinguir quem era homem, quem era rio e quem era noite naquele arriscado banho. Apreciava os movimentos do tio na flor da água vendo o negror dele se confundir à escuridão como se um fosse a extensão do outro.

O próprio Sebastião demonstrava alegria descomunal naquele banho, a felicidade de seu reencontro com o Marajó fazia-o desconsiderar até os riscos de ser devorado pelos jacarés-tinga do Arari.

Alfredo esquecia a cidade que no passado, na calma escuridão do Marajó, aprendeu a comparar o clarão de suas luzes distantes ao fenômeno da *aurora*

boreal que leu no dicionário do Major Alberto. A calma escuridão da baía apagava o clarão das luzes da Belém que se distanciava física e psicologicamente do protagonista; afogava-se naquele cenário escuro do regresso, distanciando-se lentamente do Barão e dos casebres; da Estrada de Nazaré e também da *Inocentes*.

Em Santana é possível perceber ainda mais as diferenças entre brancos e negros. A todo o momento o anfitrião da festa, Sr. Almerindo, procura reforçar a idéia de resistência negra e cabocla à dominação dos brancos.

Exalta a bravura dos revoltosos da Cabanagem. Orgulhava-se de ter um avô que participou da revolta expulsando, inclusive, o Barão do Arari de Cachoeira. Faz também entusiasmada referência ao líder da revolta da chibata, o marinheiro negro João Cândido. A festa em Santana parecia celebrar a passagem de Alfredo da fase da inocência à fase adulta. O próprio menino denunciava em sua maneira de olhar as meninas que dançavam na festa, um desejo latente de possuí-las fisicamente. Apesar do festejo apontar para o desenvolvimento sexual de Alfredo, não é possível percebermos neste capítulo, uma possível realização da experiência sexual de Alfredo; mesmo quando seu tio Sebastião sugere que O. Prisca, a antiga babá que embalava Alfredo quando criança no chalé o iniciasse sexualmente.

Todos contemplavam a cena no meio do salão de festa, em que os atores, D. Prisca e Alfredo, dançavam com diferentes reações. Os tios do garoto, Antônio e Sebastião riam porque era nítida a timidez de Alfredo que o entrevava em seus movimentos. D. Prisca dançava com leveza e tranqüilidade, já Alfredo, o fazia pela obrigação de quem já devia saber dançar.

E assim a festa em Santana varava a madrugada, em pleno festejo, acontece o parto de Dolores, moça branca da capital que parecia ser amancebada de Sebastião. D. Prisca, ocupada em fazer o parto e o primeiro caldo que serviria à

parturiente, encarrega à Dolorosa, a função de acompanhar Alfredo na dança e durante a festa. O último capítulo apresenta um protagonista mudado. Alfredo parecia ter saltado, com êxito da idade, da inocência e, como ele mesmo em suas divagações dizia, começava a sair da casca do ovo. A passagem da inocência, portanto de Alfredo se deu em meio ao pernoite na festa de São Sebastião de Santana. Lá, ele próprio imaginava ter enterrado — sepultados — todos os seus carinhos de tucumã.

III- Em busca da síntese: a imagem quase dialética da cidade e de si mesmo.

*Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruzo a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discretas de tuas meninas
Caetano Veloso — “Sampa”.*

Alfredo, filho do Major Alberto e de D. Amélia, já visitara a cidade outras vezes na companhia dos pais, porém, quando vinha à capital viajava a passeio sem cogitar a possibilidade de fixar-se na casa de um parente da família em Belém.

A convite de D. Celeste, sobrinha de seu pai, Alfredo sai de Muaná para morar com ela enquanto concluía seus estudos ginasiais no grupo *Barão do Rio Branco*. A chegada à residência de O. Celeste se deu em meio a inúmeras decepções: o temporal escureceu ainda mais a noite e o caminho que era percorrido na companhia de Leônidas, irmão de O. Celeste; o lugar não era calçado, conforme dizia a dona da casa, D. Cecé; ela quando visitava a família de Alfredo em Muaná, omitia a todos que morava num lugar tão afastado do mais famoso logradouro da cidade de Belém, a estrada de Nazaré.

Alfredo constatava que o lugar era o avesso daquele em que deveria estar a casa de D. Celeste, somente suspeitava que D. Celeste não desfrutava, em Belém, da condição social que aparentava ter quando visitava Muaná. O lugar era o extremo subúrbio da cidade; um lugar fora do espaço e bem diferente do que ele esperava encontrar.

Alfredo começava a se decepcionar⁵ não apenas com o lugar em que iria residir — *A Passagem dos Inocentes* — sua decepção, com o passar do tempo, estendia-se também à cidade e às pessoas da capital.

⁵ A decepção de Alfredo com a capital é passo importante para que ele ascenda de uma concepção inocente de cidade à uma concepção mais crítica, logo emancipada de Urbs.

Alfredo parecia redescobrir uma cidade diferente daquela por ele sonhada, começava a crer que não realizaria o desejo de encontrar a escola que, quando ainda estava em Muaná, desejava conhecer. Não serão raras as vezes em que Alfredo, em monólogos que flutuam ao longo do enredo da obra, revelará que sua experiência concreta com a cidade contrasta com as imagens que construía antes de vir morar em Belém:

Assim o colégio, tão sonhado, feito de conta no jogo do caroçinho na palma da mão, colégio ao pé da montanha, em cima da vista do mar, o colégio era uma vez. Já nem mais na Gentil, adeus Nazaré, Belém? E o caminho do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, na Estrada Generalíssimo Deodoro, antiga dois de Dezembro, já de Nazaré bem comprido, era agora muito mais.

(PI, 104)

A recepção na casa de D. Celeste se deu sem muita cerimônia. De imediato, Alfredo foi apresentado ao único filho de D. Cecé, Belerofonte; menino mimado, conhecido por suas brincadeiras desagradáveis e travessuras maldosas que intimamente desagradavam à própria mãe:

E todos os mimos para o filho eram um disfarce, substituíam ternura que desejaria ter e não tinha. Todos os mimos tentavam ocultar o filho ideal que ia-se extinguindo naquele Belerofonte, montado no capadinho do Círio. Era um temor alimentado por uma espécie de inércia que sempre teve em educar o filho, culpada por isso mesmo, se julgava, cada vez mais responsável.

(PI, 164)

A impressão causada pela *Passagem dos Inocentes* em Alfredo o arrasta em uma intensa busca. A velha sina do encontrar-se, do descobrir-se metaforiza o esforço do homem moderno em situar-se num mundo novo; um mundo que o coloca, simultaneamente, cara a cara” confrontando-se com símbolos de uma cidade perdida na lembrança com a realidade caótica da miséria do tempo presente.

A cidade, bem como a periferia, tomam-se antilugares indissolúveis, marcas de um tempo moderno em que passado e presente, sonho e realidade retroalimentam-se mutuamente:

Leônidas num riso curto, bateu os sapatos, praguejou, tinha estragado o lustro, pago no Macarroni do Ver-o-Peso [...] a Inocentes? Mas a D. Cecé lá da Areinha, não dizia que nome de passagem se dava em Belém a trechos calçados, que ligavam ruas como aquela entre São Jerônimo e Nazaré, a passagem Amazônia, a passagem Mac-Dowell.

(PI, 80)

O sentimento do urbano⁶ em *Passagem dos Inocentes* é o principal indicativo de sua modernidade enquanto relato histórico e ficcional. A predileção narrativa por lugares ainda não circunscritos enquanto cidade, o caráter precariamente inacabado em ambientes minados de incertezas e contrastes são ressonâncias vivas de sua poética originalmente moderna.

[...] na casa da gente a gente é rei. A gente é rei. O pé pesava, o sapato, uma bolsa de lama, e lama lhe escorria dentro do peito. De repente, a palavra para aquilo tudo: Covões, covões. O juízo lhe diz:

Covões

Covões

Covões.

Era a D. Inácia, a madrinha mãe, desse derradeiro, triste-triste grau de se morar falava, ferrando o dente, nos seus acessos, olho cor de faca bem lixada em cima da filha: não sei se a Deus ou se ao Diabo debes agradecer, desgraçada, estar morando aqui na gentil e não lá nos covões dentro da bosta.

(PI, 82)

Curiosamente, a obra sugere desde o título, imagens típicas de uma zona instável, inacabada e completamente tomada pela idéia do efêmero, da fugacidade e da decadência.

A *Passagem dos Inocentes* reproduz o mundo dos marginais, dos viciados, todos eles frutos das desigualdades do sistema social brasileiro no primeiro vintênio do século XX.

Através do agudo olhar do protagonista Alfredo, Dalcídio Jurandir faz incidir, no tão característico processo de urbanização da Amazônia e mais precisamente de Belém dos anos vinte, um olhar mais atento, minucioso e crítico.

A *Passagem* é efêmera e, por isso, toma-se necessariamente condenada; fadada a uma espécie de narração da ruína, um lugar espaço-temporalmente destruído.

[...] Leônidas quis pegá-lo pela mão, guiá-lo, ele se arredou, rejeitou o amparo, metendo então bem fundo o pé, sapato e meia, no lamaçal. Arrancou a perna como se trouxesse podre, esmagada, cheia de bicho. Esta não era a lama de Cachoeira, das beiragens de rio, a gostosa lama do igarapé na vazante, com os siris por cima, uma pele de sol cobrindo, não, não era.

(PI, 81)

A instabilidade da vida dos que ali vivem e os detalhes grotescos do espaço fazem da *Passagem dos Inocentes*, uma espécie de antilugar. As características do local desenvolvem nas personagens, principalmente femininas, aspirações absurdamente adversas às suas reais possibilidades de vida. Tal condição torna-as vulneráveis às incursões de fantasias e devaneios feéncos que, se por um lado as enterra ainda mais nas ilusões de uma felicidade perdida, por outro, as refugia num passado prazeroso, cultivado silenciosamente apenas em memórias solitárias, tais como àquelas a que D. Cecé se entregava, quase que obstinadamente, em seus escapismos vespertinos.

⁶ Expressão cunhada para designar toda a embriaguez que acomete o escritor que narra como quem quer vagar longamente pelos logradouros públicos das cidades.

O filho quem sabe feito pelos homens que amava na sua imaginação e na sua castidade? Podia êsse homem ser marido destas três que sou, sem que estas três formem aquela que eu devia ser, se transpusesse os estreitos de Breves, chegasse ao Solimões?

E todos os mimos para o filho eram um disfarce, substituíam a ternura que desejaria ter e não tinha. Todos os mimos tentavam ocultar o risco de perder totalmente o filho ideal que ia-se extinguindo naquele Belerofonte, montado no capadinho do Círio. Eram um temor alimentado por uma espécie de inércia que sempre teve em educar o filho, culpada por isso mesmo, se julgava, cada vez mais responsável pelo monstinho que dali saía [...] E o pai, atrás de fretes, transpirando mitologia e cachaça, suando nas rinhas, com um vermelhão na cara, gozando a sangria dos galos. Nem ao menos: que motivo foi? Nunca lhe perguntou. Era uma tática de esquecimento, perdão ou indiferença que a ofendia devagarinho, atirava areia dentro dela. Até que ficou o fim, nesta Passagem. E daí a aceitar tudo como uma punição do diabo a quem não se entregou, esquecida de Deus ou êste, em combinação com Aquêlé, mandava que Beléro lhe destruísse os vestidos e [...]

(PI, 163-4)

Sabe-se que a relação estabelecida entre homem e o espaço é vital no processo de formação de seus conceitos de valor e de conteúdo moral. A construção saudável de sua auto-imagem decorre, em grande parte, da leitura cognitiva e da intemalização desse espaço em uma determinada circunstância no processo de formação de sua individualidade.

A mentalidade maniqueísta que estabelece a famosa oposição entre os valores do *campo* e os valores da *cidade* por se manifestar carregada de conteúdos subjetivos em tomo dos diferentes universos (cidade e campo) encarrega-se de minimizar essa diferenças em um novo espaço criado a partir dos dois pré-existentes. Como resultado desse esforço de amalgamar as diferenças de campo e cidade, origina-se um novo espaço a ser explorado no experimentalismo literário; um espaço que, metaforicamente, representa a zona de transição ou de fronteira entre o campo e a cidade; um espaço propício às novas experiências estéticas e, no universo das letras o foco agora dirige-se em direção ao espaço periférico urbano.

Não são raras as oposições entre campo e cidade em que a referência espacial que irá reunir essas diferenças serão os logradouros que se distanciam das decisões oficiais e também do centro da cidade.

A periferia hospeda os aliados do campo que não têm acesso às caras condições de se habitar nos centros, bem como, reúne também aqueles que foram aliados dos centros urbanos porque, naturalmente, não pertencem ao mundo sócio-econômico do centro. Eles não detêm a linguagem, não dominam às letras, enfim, desconhecem os mais importantes códigos de comportamentos burgueses por serem remanescentes dos interiores mais afastados desses núcleos urbanos.

No romance *Passagem dos Inocentes*, pode-se observar o interesse do escritor em apresentar a experiência que o *locus* urbano provoca nas diversas personagens. Em sua grande maioria, são personagens advindas das localidades mais afastadas como, por exemplo, localidades marajoaras. Todos se agregam à periferia que acaba por se configurar num *gueto* que os autoprotege da condição de estrangeiros dentro do próprio Estado de origem.

Esforçam-se no sentido de minimizar suas diferenças com as que encontram num espaço hostil e, não raras vezes, indiferente, às suas limitações econômicas e às suas peculiaridades culturais.

D. Cecé, por exemplo, apresenta um esforço contínuo para se identificar com a Belém central. Hospedeira de Alfredo em sua casa na *Passagem dos Inocentes*, hospeda” também Arlinda, menina vinda do interior para trabalhar em sua casa; sente-se na obrigação de alertá-la acerca dos riscos que a cidade apresenta. Procura prevenir Arlinda de que esta deve manter-se atenta às situações novas que a vida urbana impõe:

Foi então que chegou a Arlinda.

— Aqui esta mea afilhada, Alfredo vem ajudar no serviço, veio do sítio. Eu eslava na falta duma. Arlinda, agora ouve qual tua obrigação. Treze tua idade é? Teu tio me falou E olha, aqui na cidade, todo juízo é pouco. Aqui o que sobra é perdição. Cabeça na janela, nariz na porta, meu regulamento diz não. Engraçamento com gente de calça na rua nem sombra que eu, *aí*, eu castigo. Sim é da mea obrigação te corrigir, estás no meu govêmo, aceitei a carga.

(PI, 124)

Arlinda, menina vinda do interior para ajudar D. Cecé nos afazeres domésticos é recebida em meio a inúmeras considerações preconceituosas por parte da anfitriã da casa que, mesmo não dispondo das abastanças materiais que caracterizam uma matrona ou mesmo uma autêntica madrinha burguesa, supõe que estava, ao garantir pelo menos a alimentação de Arlinda, dando oportunidade à menina de um dia vir a arranjar um marido que cuidasse dela; privilégio que, em geral, era comemorado por todas que assim conseguissem ter a mesma sorte.

D. Cecé, inclusive, deixa bem claro a Arlinda, suas condições em aceitá-la na sua residência em Belém: exige decência, trabalho e paciência se, um dia ela vier a ser “incomodada” pelo seu único filho, o menino chamado de Belerofonte, garoto que a própria mãe assegura ser por demais inquieto:

[...] E olha, aqui na cidade todo juízo é pouco. Aqui o que sobra é perdição. Cabeça na janela, nariz na porta, meu regulamento diz não. Engraçamento com gente de calça na rua nem por sombra que eu, *aí* eu castigo. Sim, é da mea obrigação te corrigir, estás no meu govêmo, aceitei a carga. Olha, Alfredo, esta mea afilhada nasceu pegando no siri no pôrto do sítio, remeira de jacumã, criada no rastro de bicho, ou eu minto, Arlinda? Fala, me responde, tu já me amarraste guelra de peixe no cipó pra pegar siri? Viu? Viu? O risinho, mal a mal, o risinho dela, desabotoa essa bôca, desconfiada. Uma coisa que ela tem, uma coisa de bom te acho é esse teu sossêgo. Ou é por sonsa? Aqui está esse meu filho, um que nunca sossega nem no sono, o Belerofonte, não te zanga com êle, aquela-menina, que senão vai ser o teu inferno. Tem uma paciência mea afilhada, que paciência é que faz convivência. Estás e não estás em casa alheia, vieste me servir, só que não sou malvada, tenho às vêzes meus vinagres, mas não te queima a boca, te tratar te trato, contanto que tu possa de bom coração cara desamarrada servizinho um pouco o bastante que quero para movimento de fogão, encher o pote, rachar um pouco de lenha, o lixo na baixa, a vigiação do porco, o asseio no quintal, atender ao Belerofonte, ir numa compra, tirar de minhas mãos certos cuidados [...]

A apresentação que D. Cecé faz de Arlinda ao filho e a Alfredo, revela inúmeras contradições em tomo da relação que estabeleceria com sua afilhada. Primeiramente diz que não é malvada, mas depois impõe inúmeras condições à Arlinda para que assim — malvada — não se revele à garota. Supõe que se agrada do comportamento da menina, mas suspeita que ela seja é sonsa; afirma que quer ser servida por Arlinda mas que esta a sirva de bom humor.

Inicialmente, D. Cecé sugere que Arlinda não trabalhará tanto, mas depois, entra em contradição elencando inúmeros afazeres domésticos à menina, afazeres esses que exigiriam tanto esforço da hóspede que, muito pouco a diferenciava de uma autêntica escrava doméstica do período colonial. Arlinda parecia não ter muita escolha, tinha que cumprir todos os trabalhos com bom humor, tolerar os abusos de Belerofonte, independentes de quais fossem e, esquecer qualquer possibilidade de lazer ou amizades, a pretexto de serem perniciosas à formação moral da garota.

Na *Inocentes* não havia uma escrava porque D. Cecé apreciava os hábitos urbanos e, se nos centros mais elitizados, as meninas semi-escravizadas eram chamadas de mucamas, na casa da *Inocentes*, Arlinda era tratada como mucama e não como escrava uma vez que apresentava a possibilidade de casar-se e ascender à condição de senhora, ascensão esta que já se sabe era vetada às escravas.

A partir da apresentação de Arlinda, é possível também conhecermos um pouco do decadente cenário da *Inocentes*. O pote, a lenha, o porco do quintal; tudo alude a um espaço semelhante aos sítios falidos ou às vivendas nascidas nos arredores dos centros urbanos, conforme relata literatura especializada no assunto.

Sabe-se que o surgimento de núcleos que, por se situarem nos arredores das capitais brasileiras semicoloniais do século XIX, vão dar origem aos espaços conhecidos modernamente como **periferias**.

O professor e sociólogo Gilberto Freyre, por exemplo, em um rápido comentário acerca do sobrado e do mucambo no período colonial, assim argumenta em sua densa obra *Sobrados e Mucambos* acerca da origem das habitações humildes na região norte e, conseqüente constituição do espaço periférico de Belém:

Foi a palhoça indígena influenciada depois pelo mucambo de origem africana. Pode-se mesmo associar principalmente ao africano, sobretudo ao mucambeiro, quilombola, ao negro de palmares, ao escravo fugido para os matos, o uso da palha de coqueiro, depois tão utilizada na construção da palhoça rural, de praia e mesmo de cidade, no Norte, quando em larga zona da mesma região, as palmas de camaúba⁷.

A *Inocentes* e destituída de características urbanas, era um espaço carregado de características primitivistas; presa ainda talvez ao primitivismo colonial. Se não constituía, etnicamente, uma comunidade quilombola, apresentava-se como um lugar caracterizado por aspectos decadentes de um espaço esquecido; gravemente periférico e, numa leitura desafetada e sem consideráveis excessos, pode-se dizer que reunia habitações semelhantes aos mucambos, tão típicos nas comunidades indígenas, afro-brasileiras ou pesqueiras do interior do estado. Observe como se dá a narração da chegada de Alfredo à *Inocentes*, na companhia de Leônidas, irmão de D. Cecé:

Ao cruzarem a entrada, a vala se escancarou, uma goela que podia levar os dois pelos porões da terra, até lá em baixo, nas casas sepultadas. Casas? Ali na bôca se via um palhame grosso, arrepiado, encharcado. Da barraca do canto, a porta entreaberta, um balcão, ou que seja, e uma capa de soldado, cambaleou, pigarreou, 'lá vou pro mundo, esta lama' rosnou. Alfredo não ouviu o que o sujeito dizia mais. O encapado tomou distância, atolava-se, cambaleava, desfez-se num vão da Passagem. Leônidas

⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1977. Gilberto Freyre, ao comentar a cerca da passagem da sociedade patriarcal rural à semipatriarcal urbana, descreve rapidamente as habitações do norte do país, aproximando-as consideravelmente aos aspectos físicos da Passagem dos *Inocentes*.

acendia o seu cigarro. Caminhavam. À luz bem diminuída do poste, enterrada na lama, a ponta do pau, que nem um dente ria. Encontraram-se numa espécie de largo, a mangueirona pesando de escuro e chuva, uma trave de futebol, e logo a Passagem se estreitou, buracos, valas, capinzal, foram na ponta dos pés cozendo-se pelas paredes das bibocas para evitar o encharcado. Leônidas segurou-lhe o braço.

(PI, 80)

A periferia ou zona de fronteira, ainda pouco explorada pela literatura de autores paraenses e, mesmo nos estudos literários da Amazônia é, assim representada especialmente nos espaço-arredores das metrópoles, por uma rede de comunicações entre espaços e pela formação de vielas em teias que, popularmente, são denominadas de **passagens**.

O número de passagens que surgem nas cidades é diretamente proporcional ao explosivo crescimento vegetativo verificado nas capitais, no caso de Belém, a partir do século XIX, período em que se deu a febre, tanto em brasileiros como em estrangeiros, de virem fazer fortuna na Amazônia ou na próspera capital.

Por que então o interesse, nesse estudo, de aproximar a *Passagem dos inocentes* à imagem de periferia como lugar de fronteira ou mesmo de antilugar?

Parece-nos que, a carga de sugestão presente no título da obra, toma-a recheada de imagens alusivas a inúmeras idéias de transição; de processo ou preparação de passagem de um estado, talvez bruto, para um estado mais definido e acabado. O Título do romance *‘Passagem dos Inocentes’* carrega a idéia implícita de *(trans)formação* ou metamorfoseamento.

Como já foi dito anteriormente: passagem em seu sentido espacialmente denotativo refere-se às vielas que dão acesso a outros espaços; representa, na prática, aquilo que se costuma popularmente chamar de atalho. Curso que liga e apressa a chegada a algum novo lugar. A passagem garante comunicação uma vez que facilita a ligação entre espaços e dá porosidade às cidades.

Essa aproximação teórica, como se quer perceber, sugiro que se dá em função das inúmeras sugestões que o título da obra de Dalcídio Jurandir provoca no leitor. O título concentra em si as idéias simultâneas de transitividade e também de transitoriedade.

Alude o título, implicitamente, à fixação de um tempo em continuo fluxo, apresenta um contorno semântico nostálgico de lugar-tempo esquecido se associado, ao seu vocábulo complementar *Inocentes*.

A obra, em função da carga de sugestões que “saltam do título: *Passagem dos Inocentes*”, transcende à dimensão puramente espacial ou geográfica, em direção de uma significação temporal que recompõe, numa dinâmica crescente, a memória quase remota de uma idéia também, quase esquecida.

O tempo “revisitado” pela obra, não se quer biográfico; não pode ser entendido, exclusivamente, como o da infância; muito menos, percebido como um tempo da Belém histórica, Belém da *Belle-epoque*; mas um tempo, pertencente exclusivamente ao espaço poético-literário. Um tempo que se desmaterializa do histórico; um tempo que passa e, nesse movimento contínuo metaforiza-se, em resignificados de um novo espaço que se *(trans)forma* no cenário da obra: *A Passagem dos Inocentes*.

Tempo que alude também à formação da periferia enquanto espaço novo, resultante de características várias, mas que sobretudo se constrói por fatores que se amalgamam num caldeirão de novas experiências. A periferia, por meio das passagens então, é entendida como a síntese dialética que reúne elementos característicos dos diferentes universos sócio-culturais: na periferia o campo e a cidade se encontram.

A leitura da obra aqui adotada sustenta-se também no esforço de reconstituir, dialeticamente, a configuração da *Passagem dos Inocentes* enquanto lugar vital à aquisição de novas experiências; espaço que mantém identidade própria e certa autonomia em relação ao centro; lugar que, pelas próprias características, não satisfaz a caprichos de transeuntes curiosos em seus deleitosos passeios vespertinos, até porque nela, na *Passagem*, não há transeuntes e nem passeios, nela há tão somente *passantes*.

Nela não há monumentos, não há prédios suntuosos, cravejados de azulejos portugueses; não há colunas coloniais, há estacas e palhoças; o admirável mundo novo nela não existe. Sua estética não lembra o *art nouveau* do centro, mas ao contrário, seu estilo lembra a estética da fome e da pobreza; uma pobreza que não é resultante somente da modernidade, mas que decorre talvez da própria ausência de modernidade.

Uma modernidade contraditória porque não é ali, mas pode ser “encontrada” a alguns metros dali; contraditória porque é tão próxima e ao mesmo tempo tão distante.

Uma modernidade que coloca seu desenvolvimento de costas para a *Inocentes*; a mesma *Inocentes* que expõe, como tantas outras, sua mais reveladora face, a mais degradante e nem de longe se assemelhando à robusta face da europeizada estrada de Nazaré. Lugar de casarões e sobrados aburguesados; de praças, trilhos urbanos e grandes catedrais.

A *Passagem dos Inocentes* é percebida, se comparada ao centro, como antilugar. Antilugar porque se apresenta como um espaço avesso à espetacularização burguesa.

Ela representa o espaço que foge à contemplação ociosa de uma burguesia em franca ascensão. A *Passagem dos Inocentes* quer existir mais tão somente sobrevive; é o lugar em que alguns moradores vivem presos ao passado não vivido, sonhando em se ver, quem sabe um dia, catapultados para o centro em que, não muito longe dali, descansa em berço esplêndido a Belém da estrada de Nazaré.

A *Passagem* é o lugar em que se constrói e se desconstrói uma cadeia de ilusões; onde se recarregam e se descarregam sonhos geridos em meio ao trânsito da fauna empobrecida que, sai de lá, arrasta-se diariamente em direção ao centro e posteriormente retoma prehe de aspirações e desejos. Aspirações que movem desejos de um dia ascender na direção do desenvolvimento, na direção da estrada de Nazaré, dos Liceus, dos monumentos, enfim, duma cidade ainda por vir, de uma cidade que faça da *Passagem dos Inocentes*, um espaço, verdadeiramente, de passagem às novas experiências.

A transitividade que, implicitamente, lateja no título da obra, dá à *Inocentes* a significação de zona de fronteira, zona de limites ou que limita seus habitantes às novas experiências.

A *Passagem dos Inocentes* e suas adversidades impõem o limite a quase todos os seus moradores. É a barreira que, se superada, dará livre acesso à Basílica, ao Teatro da Paz, à cultura; ao mundo que exala a perdida prosperidade iniciada nos fins do século XIX. A *inocentes* é o cárcere que aprisiona as possibilidades de se conhecer novas experiências; as experiências possíveis somente à burguesia do centro. Superá-la, portanto, é condição inevitável para que aconteça a realização material plena de todos os que nela se encontram.

A *Passagem dos Inocentes* é o limite entre a Belém da *Belle-époque* e a Belém que ainda nem atingiu a condição de cidade. É a transição da cidade sonhada em que se aspira viver uma vida *iluminada* pela cultura e saber, quem sabe

até àquela que, Alfredo, retirava dos livros de mitologia do major Alberto, mas a inocentes que não estava nos livros, amargava a dor de ser uma cidade tingida pelo sangue de crianças que morriam doentes das epidemias: *inocentes* que ‘passam’ quotidianamente nas periferias desassistidas de Belém.

Nela, a lama não cessa, a embriaguez diária no boteco é o ritual que, nem de longe, lembra os chás das sacadas nos casarões na estrada de Nazaré.

A Passagem é onde o desespero culmina num copo de pinga ou na denúncia da miséria doméstica como as que D. Cecé sempre lembrava ao reclamar do marido ocioso, entretido em rinhas de brigas de galo.

A *passagem* é o lugar em que sonhos se convertem em devaneios, ilusões arranhadas pela realidade tão dura, captada velozmente pela intuição madura de Alfredo quando num quase desabafo, obedecendo ao pedido de D. Cecé, vai ao boteco comprar querosene para dar luz à noite da casa, ouve as suspeitas de um desconhecido que, tentava induzi-lo a questionar a fidelidade de Dona Celeste ao seu mando.

Alfredo balançava a garrafa, Oh' Que nojo da metade desta Inocentes. Ali na taberna, bastava meia hora, crescia um ano. Em que se acabava o Colégio ap pé da montanha. Dantes saía bonito-bonito de dentro do coquinho de tucumã, este de mão em mão, alto, lá no alto e hoje, rato comeu, adeus Colégio do São Nunca.

(PI, 180)

Alfredo parecia ter a clara noção de que a *Inocentes* era um antilugar. Ele era testemunha viva de que as diferenças entre o prazer do passado em Muaná e seu futuro incerto, em Belém, acabavam-se ali, na *Passagem dos Inocentes*. A Inocentes parecia afastar cada vez mais o futuro que Alfredo sonhava para si. Ele percebia com perspicácia que a *inocentes* não pertencia nem a Belém e muito menos a Lacfloelra de seu pai e de sua mãe.

Notava que a *Inocentes* era, a quase todos, tão somente uma passagem, e quem sabe, uma “dormida” para aqueles que alimentavam a esperança de um dia sair de lá, rumo à Estrada de Nazaré.

O alvo era sempre o centro, para Alfredo, o caminho do Grupo Barão do Rio Branco. Escola de professora bonita e de bons vencimentos mensais, segundo ele.

O Barão, sim, é que era escola, até suas professoras eram diferentes das professoras do Dr. Freitas que, além de repassarem conhecimentos pouco confiáveis, tinham salários parcos e em atraso, motivo que, segundo ele, comprometia a qualidade das aulas daquelas professoras do Dr. Freitas.

[...] Enquanto ali confronte o Necrotério da Santa Casa, sob a poeira do Largo, e a saída dos enterros, o Doutor Freitas possuía umas tristonhas professoras, de se pedir para soprar o bolor dos rostos e das almas nem comiam as criaturas? Ou suas dores, enjoadas de meninos e livro? Ali de língua gasta, até se espantavam ao se surpreenderem se dizendo a si mesmas: mas afinal, que é isso? Nossa Senhora de Nazaré, a nossa vida se esvaiu foi na saliva. Não teve cêra no Carro dos Milagres que fizesse aliviar êste pelourinho. Nossa voz é uma rouquidão [...] Lá vão, umas de chaspelinho prêto, outras viúvas, aquela coxó, todas vergadas ao pêso daquele Douro Freitas e dos atrasos de seus ordenados no Tesouro, sem o perfume daquelas do Barão.

(PI, 117)

Alfredo minimizava em tudo o Dr. Freitas quando o comparava ao Grupo Barão do Rio Branco. Suas críticas iam mais além. Dirigia as críticas às professoras e seus perfumes, as aulas, as instalações e até à localização do Dr. Freitas que ‘olhava frontalmente para a morte; no caso, o necrotério da Santa Casa.

E assim, a cidade ia seduzindo a todos. Visgava-os com seus odores, sons, sabores e imagens. O centro fascinava porque prometia, em surdina, acesso aos seus mistérios.

O apelo ao monumentismo e o culto às edificações erigidas nos áureos tempos do Ciclo da Borracha”⁸, exercia sobre os moradores da *Inocentes* a sua sedução mais implacável: a sedução ao mundo burguês.

⁸ Expressão que no senso comum é reduzida à forma “Tempo da Borracha”. Costuma-se associar este termo ao crescimento econômico e desenvolvimento urbano pelo qual Belém jamais novamente passou.

A concepção de que a *Inocentes* é apenas um lugar provisório, lugar de passagem ou talvez de trânsito, também se realiza na narração que flagra a saída da estudante, filha de D. Romana ao se dirigir à aula na escola normal (atual I.E.E.P) sem saudar algum morador naquele lugar:

Lá se ia, adernada com os livros, a magreza lisa no surrado e serzido uniforme azul e branco, bota de três remontes, o chapéu na outra mão, por moda. Alfredo notou que muitos da *Inocentes* se gabavam daquela normalista local, a única ali que ia ser professora. As cinco divisas da manga promoviam a d. Romana e a filha às mais altas patentes da passagem... E Alfredo via: alta, com aquela altura de livros que a fazia pensa, a bota alta, a normalista empinava o gogô sobre o palhoçal da Passagem nem bom dia dava, axi que te conheço, daqui não sou, aqui não moro, só durmo, Vê lá. . E Alfredo no muito que bem, ora, isto só faz quem pode.

(PI, 168-169)

No olhar de Alfredo, a ilustre estudante de magistério ao sair apressada a *Inocentes*, parecia levar consigo, não somente livros, mas toda a satisfação de quem se encaminha para o centro da cidade; para um espaço verdadeiramente digno, espaço em que se pode deambular, contornar prazerosamente as ruas e seus casarões de imponência colonial. Da *inocentes*, segundo Alfredo, parecia que a estudante não levava nem a lembrança de que retornaria pra lá, daí há poucas horas.

Sair da *Inocentes* era também sair da lama, sair de dentro do cartão postal às avessas da cidade. O próprio Alfredo, quando trazido de Muaná pelas mãos de Leônidas, manifestava seu repúdio e frustração em ter que se fixar na casa de D. Celeste na *Passagem dos Inocentes*.

As circunstâncias de sua chegada não foram das melhores: a noite era escura, inexistia iluminação artificial nas ruas e nas casas. Para completar, chovia torrencialmente na cidade. Na *Inocentes*: nem luz, nem beleza, nem Andreza, nem nada:

Leônidas quis pegá-lo pela mão, guiá-lo, ele se arredou, rejeitou o amparo, metendo então bem fundo o pé, sapato e meia, no lamaçal. Arrancou a

perna como se trouxesse podre, esmagada, cheia de bicho. Esta não era a lama de Cachoeira, das beiragens de rio, a gostosa lama do igarapé na vazante, com os sins por cima, uma pele de sol cobrindo, não, não era. Gaguejou nomes, batia o sapato [...] Leônidas o segura. Fugiu deste, a lama na perna, os bichos lhe subindo, mandava a d. Celeste, a casa dela, o estudo, a cidade para as profundas [...]

(PI, 81)

O cenário da chegada de Alfredo, em tudo, reforçava seu repúdio a *Inocentes*. Afastada do centro, desassistida pelos políticos, sem infra-estrutura, inexistência de calçamento e iluminação, ausência de sobrados e casarões, em tudo a passagem decepcionava. Ao contrário é claro, da estrada do Barão.

Historicamente, sabe-se que o entusiasmo humano pela urbanidade fomentou, a partir do século XVIII, um verdadeiro movimento de atração, quase unânime das massas em direção aos centros num grandioso êxodo urbano. O vetor da arte, do saber, da alegria plena e prosperidade apontavam agora para os grandes centros. Com a consolidação e expansão da mentalidade burguesa na Europa, as colônias de exploração, mesmo que de maneira tímida, não conseguiam abafar as fabulosas idéias de jovens em torno da vida nas grandes cidades; elas próprias queriam modernizar-se, mas sabe-se que isso era um risco ao monopólio que exerciam em relação às suas colônias.

Essas idéias febris de fascínio pela cidade chegavam a todas as colônias e no Brasil, não foi diferente, por meio de jovens que se graduavam nas mais famosas universidades da Europa. O mundo estava cada vez mais dividido entre Centro e Periferia, reproduziam-se, assim, os conceitos geopolíticos que em tempos coloniais convencionou-se chamar de metrópole e colônia.

No caso dos jovens burgueses de Belém do final do século XIX, a França e, mais precisamente Paris, figurou como modelo de espaço cultural a ser imitado.

Ao retomarem para a Amazônia, muito a contra gosto, diga-se de passagem, os estudantes nostálgicamente amargavam a dor de não contemplarem na terra natal, as lojas da Europa, os boulevares franceses, ou mesmo os cafés portugueses. Sobre o assunto, a professora Maria de Nazaré Sarges, assim escreve em sua obra *Belém: riquezas produzindo a Belle-époque*.

Os 'modernos' extrativistas (seringalistas), preocupados em substituir a tradicional burocracia administrativa, com a formação de uma 'elite de doutores' coesa, que colocasse à frente dos negócios públicos (entenda-se também de seu negócios) e da construção de um poder de Estado Republicano nascente, procuraram mandar seus filhos estudarem na Europa. A formação dessa nova elite intelectual, posteriormente, além de contribuir para o aumento de profissionais liberais, concorreu também para a introdução de novos hábitos de vida. Os donos de seringais, na maioria, moravam na cidade, atraídos pelo conforto que esta lhes oferecia, experimentando os prazeres da *Belle-époque*, sem contudo se distanciarem de seus barracões. Os novos ricos construíram suas residências inspiradas no *Art Nouveau*, com azulejos de Portugal, colunas de mármore de Carrara e móveis de ebanistas franceses.⁹

Para a Cidade, sonhavam ir os adolescentes em tempos estudantis, as mocinhas sonhadoras; comerciantes e pessoas de todas as origens em busca de riqueza provenientes do comércio ou mesmo em busca de "aventuras urbanas".

A cidade é mitificada e, em tempos ditos modernos, concentra em si não somente prosperidade econômica como também, prestígio político e intelectual necessário a quem o desejo ou o pode comprar.

Alfredo, não diferente dos demais de sua época¹⁰, deveria também conhecer a experiência do urbano, a própria família, principalmente a mãe o quer estudando em boa escola. Não poucas vezes, podemos identificar na voz de Amélia, o desabafo do quanto era sacrificante manter um filho estudando em Belém

⁹ SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque*. Belém : Paka-Tatu, 2002. A professora analisa a Belém dos fins do século XIX e início do XX. Seu estudo concentra-se nos anos de 1870 à 1812, período em que despontou o famoso intendente Antônio Lemos.

¹⁰ Alfredo é visto como protagonista que apresenta sua visão de mundo plasmadaa cosmovisão burguesa dos pais.

Ah duvidando desfazendo descrendo do meu filho, que eu é que sei o que me dói sustentar a criatura lá na cidade, êle que sempre me falou colégio, sonhou as alturas, num orgulho de, um dia saber. E agora de n foi o que tanto conversei com Dorotéia, não tinha um canto onde ficai Belém. Casa dos primos, na Rui Barbosa, nem um alfinete ali cabia r Onde agasalhar?

(PI, 60)

Qualquer sacrifício era válido. Todos os esforços se justificavam pelo sonho de se realizar a tão desejada experiência do urbano. Alfredo, se quisesse ascender à condição de doutor e ser respeitado inclusive pelos parentes brancos do Ma Alberto, teria que estudar onde mais doutores havia na época: Belém.

Sobre o deslumbramento do homem pela cidade, O Professor Jacques Leenhardt, em seu ensaio intitulado *Uma poética da fronteira*, assim discorre E tomo do fascínio que a cidade exerce, no espírito do homem moderno desde século XVIII:

O ar da cidade liberta, foi dito durante séculos, enquanto lentamente, contra as hegemonias feudais e rurais, se afirmava um poder urbano burguês oposição cidade-campo servia então de molde para todo pensamento sobre o progresso intelectual e social, para o qual o centro urbano representava a quintessência dos valores, a concentração benéfica das inteligências e das invenções sociais que marcavam, no espaço nacional, a parte ganha pela cultura sobre os terrenos baldios ainda nas mãos da natureza originária¹¹.

Apesar de o enfoque do professor Leenhardt referir-se a Paris do século XVIII, período diametralmente oposto ao momento histórico focalizado na obra *Passagem dos Inocentes*, vale, no entanto ressaltar que, numa escala devidamente proporcional daquele a que o professor se refere, é possível notar também esse movimento centralista¹² em várias personagens do romance. Sobre isso, já dediquei alguns parágrafos em tomo deste assunto.

¹¹ LEENHARDT, Jacques. Uma poética de fronteira. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 1, p. 15-21, 1996

¹² Chamo de movimento centralista a todas as inclinações das personagens em movimento de atração absoluta ao centro urbano.

Em várias personagens da obra, tanto residentes da *Inocentes*, quanto residentes em Muaná ou Cachoeira, percebe-se a reprodução da representação que toma o espaço central supremo em relação à periferia.

Em todo o romance observa-se mesmo que de maneira particular, a reprodução dessa representação ou mentalidade. Por exemplo: a capital é dividida em Belém-centro e a área periférica sendo, no caso, a *Passagem dos Inocentes* essa periferia. No Marajó, a mesma versão que opõe o centro *versus* periferia, divide também os marajoaras em diferentes classes: os mais privilegiados moram em Cachoeira e os que gozam de menores privilégios moram em Muaná. A família de O. Amélia, por exemplo, era totalmente destituída de qualquer privilégio uma vez que residia em Areinha, um vilarejo de Muaná; uma espécie de periferia da periferia marajoara.

O sonho da *utts* é percebido tanto no Major Alberto em função de seu apreço excessivo pela ciência e pelas leis, uma vez que a ciência e a legalidade são traços típicos de urbanidade. No comportamento da normalista, filha de O. Romana também é possível observarmos a inclinação centralista quando, ao sair para a aula, envergonhava-se em morar na *Inocentes* porque era um lugar distanciado da cidade.

A *febre da Urbs* revela-se também nos desinteressados passeios de d. Cecé que flanava nas tardes das quartas-feiras pela cidade, gerando comentários maliciosos da vizinhança que a achava estranha, duvidosa ou desejosa de um namorado:

D. Celeste esperava? Ou no simples gôsto de dizer: aqui respiro, acendo as minhas achas no ar só-só, a senhora dos azulejos, a mãe do "Trombetas? Qual a cruz que carregava? Ninguém chegava? Ninguém a cumprimentava. Para ela vazia estava a rua ou vazios os seus olhos? Em vez de fogo, era gelo que ali queimava. Pôs-se em marcha, mais ia onde? O mapa do Cara-Longe, até aqui, exato, o miserável. (mas não escaparás do gato morto). Por que não vai ela na Arcipreste, consolar a noiva do irmão? Invejar o

lustre do desembargador? O certo é que a noiva nunca visitava a futura cunhada, futura até quando?

(PI, 194)

D. Cecé se comprazia em seus passeios vespertinos pela cidade. Alfredo a seguia porque, em função dos falatórios em torno dessas saídas religiosamente pontuais, queria descobrir as reais motivações de tais passeios.

Os motivos que muitos suspeitavam serem de natureza adúltera pareciam não existir. O gozo de seus passeios residia no prazer que as imagens da cidade, combinadas ao o ócio de suas quartas-feiras, transformavam-na em uma desinteressada caminhante.

As motivações dos passeios residiam tão somente no verdadeiro êxtase do *Flâneur* conforme assevera Walter Benjamin, ao comentar criticamente a poética de Baudelaire:

Em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo do conspirador, o papel do detetive pode ser também ser desempenhado. Para tal a *flâneur* oferece as melhores perspectivas. 'O observador — diz Baudelaire — é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito'. Desse modo, se o *flâneur* se toma sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima á sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista. Todos elogiam o lápis veloz do desenhista. Balzac quer associar, de modo geral, o gênio artístico à apreensão rápida.¹³

Outro momento flagrante de *febre da urbs* é observado quando Alfredo, ainda seguindo D. Cecé, contemplou a fisionomia extasiada de um garoto que aportava com a família em Belém. A percepção fotográfica de Alfredo capta a ânsia íntima do menino em querer desvendar cada cubículo da cidade onde seus olhos poderiam alcançar:

Da 'Rio Anabiju' desembarca na cadeira uma doente bem mal, carregada por dois portugueses; aberto sôbre a cadeira, com o sol em cima, o guarda-chuva armava um luto, e aquêles gemidos surdos, a família, muitas pessoas, faltas de sono e sossêgo, esta a mais mōça, sempre ao lado da doente, furtiva se olhava ao espelho, reparava no seu sapato novo que rangia, ajeitou, ajeitou o cabelo, não sabia como combinar a aflição com a faceirice; mas um menino ao ladonda mais era que uns olhos danadinhos sobre a cidade, furiosos de impaciência e de secreta alegria, comendo a cidade, cobiça de uma vez só em todas as direções de Belém. Ali sou eu de novo, Alfredo se falou.
(PI, 199).

Alfredo identifica-se com o garoto que observa apeteçivelmente a cidade do barco "Rio Anabiju. O menino parecia denunciar a condição de estrangeiro; apresentava a fome de cidade que Alfredo tinha quando, desde muito cedo, viajava a Belém em passeios na companhia do pai (major Alberto) e da mãe (D. Amélia).

E assim a cidade continuava exercendo seu fascínio. Aqueles que eram naturais do centro da cidade; meninos urbanos sentiam que precisavam degustar outras capitais do País, quem sabe, experimentar as metrópoles européias. Os que residiam nas periferias mais afastadas do centro necessitavam inserir-se na vida urbana e moderna dos centros mais aburguesados e, finalmente, os estudantes das localidades mais distantes de Belém; dos campos rurais, seguindo essa mesma lógica do aburguesar-se, deveriam também gozar de todos os prazeres que a vida moderna nas cidades lhes podia reservar.

O anseio de poder mandar os filhos, de qualquer interior do estado ou até das periferias estudarem nos poucos liceus do centro de Belém, era a realização de qualquer pai ou parente e não poucas vezes, encontramos o orgulho que dominava dona Amélia e os parentes de Alfredo em terem-no estudando na capital

¹³ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudekire um lírico no auge do capitalismo*; trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3, p. 38-9).

visse as notas dele, sim que não valia a pena estar anunciando a Deus e ao mundo, cantar glória podia estragar quem ainda mal-a-mal iazinho principiando. Mas o quadro de honra dele no grupo escolar Barão do Rio Branco? O ler dele, o jeito de desfolhar o jornal, perna em cima de perna abrir a estante do pai, um pouco impaciente e um ar convencido de que falasse assim: vocês livros serão meus.

(PI, 60)

O. Amélia não poupava elogios ao desenvolvimento intelectual que seu filho demonstrava desde pequeno. Para ela, Alfredo seria aquele que colocaria às raças em pé de igualdade: Alfredo seria um doutor de cor, orgulho dos representantes negros da família, negros que seriam “vingados” pelo Alfredo; o futuro orgulho da vila de Areinha e a esperança mais viva de se ter um doutor em Muaná.

[...] a preta bem gerada. Onde estivesse era ela sempre tão despida, e aquele filho, na cidade, podia voltar, um dia de diploma, um doutor, e com pouco um juiz, meter um qualquer branco no chinelo não podia, um dia? Até onde ia o filho dela, e quem era?...

(PI, 29)

O futuro de Alfredo era assunto discutido em Cachoeira desde muito cedo. D. Cecé, manifestava também sua preocupação em tomo do futuro do menino. De maneira desdenhosa, colocava em dúvida a capacidade intelectual de Alfredo, subentendendo em várias circunstâncias que o mesmo poderia não ter sucesso como estudante na capital. Tais suspeitas desagradavam em cheio D. Amélia em seus cuidados de mãe-protetora. As opiniões de D. Cecé desagradavam a mãe do garoto que elevava suas aspirações em tomo do futuro do filho à condição de verdadeira disputa, em tomo da afirmação social dos negros de Areinha e em relação aos brancos mais abastados de Cachoeira, do qual D. Cecé fazia parte.

A condição de negro de Alfredo e o despeito de d. Cecé com seu tio — o major Alberto —, por ter ele engravidado Amélia quando ela ainda trabalhava como

cozinheira no chalé recheavam os comentários de D. Cecé de preconceitos implícitos e desdém com relação a Alfredo:

[...] E no silêncio, d. Celeste acenou para Alfredo, ali meio de lado:
— E êsse teuzinho aí, Amélia? Dá?
Alfredo ergueu o rosto, arpoado; olhou para a mãe que sorria. De vários modos, D. Amélia decifrava a pergunta. Que afinal queria dizer a excelentíssima? Fazia pouco? Duvidando das aptidões dum filho natural, filho de uma da Areíinha?
Não contente, d. Cecé apelou para o tio:
— Hein, meu tio, que o si. Acha? Êste da Amélia, o estudante, vai?

(PI, 55-56)

Enviar o filho para estudar na cidade trazia o ônus de todo alto investimento, principalmente quando os patriarcas”, como no caso do major Alberto, estavam em franco declínio financeiro.

Muitos pais empobrecidos recorriam a políticos, padrinhos ou a parentes que pudessem hospedar seus rebentos em casa até que esses hóspedes completassem os estudos ou tivessem em condição de financiar sua própria moradia e estudos.

No caso de Alfredo, três circunstâncias pesavam contra ele e contra o desejo dos pais em tomá-lo doutor: o fato de ser negro; morador do interior do Marajó (Muaná) e de sua mãe (D. Amélia) não ser oficialmente esposa do Major Alberto.

A condição semibastarda de Alfredo era flagrante até no tratamento dispensado pelas filhas do major Alberto; Letícia e Natércia, irmãs por parte de pai de Alfredo. Natércia, diante do pai, convidava Alfredo para almoçar, mas deixava no seu convite, uma latente oscilação entre querer e não querer realmente que ele almoçasse por lá pelo chalé. Natércia tratava-o com carinho duvidoso e que não passava despercebido por Alfredo que conseguia decodificar o convite por meio das circunstâncias em que Natércia o convidava:

Alfredo, ali, de repente, cara séca, tendo de ser convidado, acolhido entre somsinhos. Via no olhar de Natércia a faísca do desagrado [...] Come, mas come deixa de cerimônia. Tira mais este. Ele escutava às avessas, ouvia ranger lá por dentro dela a contrariedade.
(PI, 53)

Alfredo não era legitimado nem pelas próprias irmãs por parte de pai. A situação de falência econômica do Major, a parca condição de sobrevivência porque passavam os que no chalé residiam e, principalmente, a cor do garoto e da mãe parecia desagradar as duas filhas do primeiro casamento do Major. As lembranças de fartura eram das solteironas que, além de primogênicas, eram também brancas e reais testemunhas de épocas de maior abundância naquele chalé. Nem no Marajó havia espaço para Alfredo. Ele deveria buscá-lo, quem sabe, em Belém.

Alfredo era induzido a crer que o centro da cidade escondia em algumas das paredes de seus casarões, o segredo de um reconhecimento social ou da riqueza. Buscava-o com certo senso de realidade, não admirava demasiadamente as pessoas do universo urbano para onde se dirigia diariamente, tinha até nítida consciência, de que o preconceito deles os diferenciava dos que moravam nas áreas mais afastadas como a *Inocentes*, por exemplo.

Admitia que se veio de Muaná estudar em Belém, aceitando o sacrifício de estar longe dos pais, foi para aprender a admirar o centro e seus costumes e não as beiragens mais afastadas da riqueza, como ali onde morava, na casa de dona Celeste. A escola podia ser a mais próxima da *Inocentes*, evitando-se quilômetros de caminhada como o Grupo Escolar Dr. Freitas, por exemplo; Todavia, quanto mais afastado da *Inocentes*, melhor deveria ser a escola já que os costumes daquela passagem eram motivos de seu repúdio, diferente dos hábitos observados no centro, costumes que para ele precisavam ainda ser conhecidos:

O Doutor Freitas era mais perto, sim, mas preferia o andar uma lonjura e continuar no Barão. O Doutor Freitas era por demais perto da Inocentes. E os alunos ao doutor Freitas lhe pareciam embaciados, sempre com seus arpões contra seus rivais do Barão.

(PI, 117)

Como já fora mencionado no texto do professor Jacques Leenhardt¹⁴ “o ar da cidade liberta” e, quando o movimento se dá, em direção ao epicentro urbano, dispõe-se de maiores chances de reconhecimento de acordo com os critérios estabelecidos pela mentalidade burguesa.

O sonho de “centralizar-se” revelava também o íntimo desejo de todos da Inocentes de aburguesar-se uma vez que a cidade é o centro em que fervilha a cultura, a fortuna, o bom gosto e multiplicam-se os valores burgueses.

Alfredo andava bem mais quando optava em estudar no Barão e não no Dr. Freitas, mas para ele, o sacrifício valia à pena porque acreditava que seus colegas não eram violentos como os do Dr. Freitas (sempre com seus arpões contra seus rivais do Barão); as professoras eram mais elegantes e cheirosas como, por exemplo, a professora Maria Loureiro Miranda; as aulas tinham conteúdos mais confiáveis; a campina retinha mais longe sem contar que quando saía da *Inocentes* sentia o espetacular gozo do passeio pelos monumentos da engenhosa *Belle-époque*, o que tomava o percurso escolar ainda mais agradável.

Alfredo simpatizava até com a fachada do Barão bem diferente do prédio do Dr. Freitas que, para ele mais parecia uma grande caixa. Com a precisão de quem descreve num crescente efeito *zoom*, o narrador do romance revela porque Alfredo tinha a preferência pelo Barão ao Dr. Freitas:

¹⁴ LEENHARDT, Jacques. Uma poética de fronteira. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 1, p. 15-21, 1996.

No seu caminho para o Barão, passava pelo grupo escolar do Largo da Santa Luzia, o Doutor Freitas, e espichava o beijo: esse-um aí? Coitado. Não tinha a boa aparência do Barão, éste, sim recostado nas mangueiras do fundo; nem a escadaria de pedra branca nem na estrada, de pedra branca o busto do Barão. No Barão, as janelas do andar de cima olhavam não só a lança do bonde correndo no cabo mas aquele quintal de muro com seus malvados cacos de garrafa, o sol nascendo das fruteiras. A campa do Barão retinia longe, comparável aos sinos da Basílica. O Barão fazia canto com a Estrada de São Braz, toda-toda enroupada de mangueira. Enquanto ali confronto o Necrotério da Santa Casa, sob a poeira do Largo e a saída dos enterros, o Doutor Freitas [...]
(PI, 117)

O fragmento acima transcrito do capítulo “Caminho do Barão” descreve os diferentes logradouros em que estavam situadas as duas escolas. Claro que a predileção de Alfredo pelo Barão relaciona-se não somente à fachada que ele apresenta com busto do Barão à frente, mas, sobretudo porque estava localizado no centro mais valorizado da cidade, espaço que inclusive dava acesso à Basílica de Nazaré. O Barão inseria-se na *Belle-époque*, a outra escola não.

O Dr. Freitas, mais periférico, era descuidado e não apresentava o zelo com que o poder público tratava dos prédios localizados mais ao centro. Alfredo admirava também a possibilidade que o Barão oferecia de se poder contemplar, das salas superiores do prédio, outras edificações e principalmente àquela que já fora no passado uma das maiores marcas da modernidade de Belém em relação às outras capitais do País: a linha de transporte coletivo feito pelos bondes elétricos.

O Barão oferecia a possibilidade de Alfredo reunir em um único olhar da janela superior do prédio, os dois monumentos da modernidade amazônica e, talvez, as mais importantes realizações da *Belle-époque* belenense: a suntuosa Basílica de Nazaré e o Bonde urbano de propriedade da *Pará Elétric* que dava “ares de próspera modernidade” ao centro urbano da cidade.

Enquanto o Barão, mesmo que retomando ao passado, apontava para o futuro, o Dr. Freitas representava o atraso, a própria imagem do descaso das autoridades, as professoras recebiam seus vencimentos em atraso.

Enquanto o Barão tinha vista para a mais elitizada igreja da época, O Dr. Freitas tinha à frente, a própria morte uma vez que ficava confronte ao Necrotério da Santa Casa de Belém.

A opção de Alfredo pelo Barão não era apenas sinônimo de sua obediência aos pais, uma vez que refletia o desejo que O. Amélia e O Major Alberto queriam para o filho, mas demonstra que Alfredo, em todas as suas atitudes e gostos, reproduzia o fascínio dos pais pelo centro; o desejo de O. Amélia e do major Alberto em centralizar-se.

No Barão ele iria conviver com meninos da elite; receberia lições de professoras aburguesadas, contemplaria símbolos de uma fausta época de riqueza jamais registrada anteriormente ria história do Pará. Época que causava em todos, principalmente nos mais velhos como seu avô Bibiano, agradável nostalgia porque nunca, o espaço público fora tão modificado, e a cidade nunca havia sido tão transformados ao sabor das novidades ditadas pela estética arquitetônica parisiense. Época em que Belém entrou, de vez, conforme ocorria em outras capitais, no cenário da modernidade e no contexto do capitalismo do século **XIX**: a época de ascensão no Pará do famoso intendente Antônio Lemos.

Sobre o assunto, assim se refere a professora Maria de Nazaré Sarges:

O processo de modernização da cidade de Belém só foi possível em razão do enriquecimento que atingiu certos setores sociais da região a partir da segunda metade do século XIX. Reforçando o processo de inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial, toda a atividade econômica da região passou a girar em torno da borracha a partir de 1840. Em decorrência dessa nova ordem econômica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos os quais direcionaram o investimento para a área do urbano, com calçamento de

ruas com paralelepípedos de granito importados da Europa, construção de Prédios públicos, casarões em azulejos, monumentos, praças etc.¹⁵

O excerto que discute o processo de modernização da cidade de Belém apresenta como fundo histórico o contexto mais lembrado, até os dias de hoje, no imaginário popular belenense; trata-se da vultosa época de extração gomífera que no mesmo imaginário popular é mais comumente citado como o período da borracha, ou período lemista.

A admiração popular pela figura política do Intendente Antônio Lemos associa-se, indistintamente, à política econômica por ele implementada e, principalmente, pela ‘doce ilusão’ de prosperidade geral que se viveu em fins do século XIX e início do XX.

A transformação do espaço urbano de Belém, o crescimento econômico, principalmente do setor de exportação gomífera e a *ideologia do saudosismo* em tomo da Belém antiga, aproximada arquitetonicamente dos principais logradouros europeus é flagrante enquanto mecanismo de manipulação ideológica¹⁶ imputado às camadas populares mais miseráveis. Em algumas personagens de *Passagem dos inocentes*, O discurso que reproduz o fascínio popular pelo intendente, toma-se explícito, como bem ilustra, o pedido de uma folhinha (calendário) que o velho Bibiano, avô de Alfredo, faz ao Major Alberto:

Nariz no ar, dirigia-se ao Major, se o Major possuía de sobra uma folhinha do ano novo, louvou o comércio antigo, esse sim, sabia fazer presentes de boas folhinhas, davam um enfeite na parede, alegrar uma sala, eram as caprichadas estampas e figuras de castelos, tamanhos, finas cores, a praça de touros, a torre de ferro do país da França, as vistas do mundo. Também o comércio bem que podia dar sus folhinhas, borracha embarcando a senhor preço, fosse somar. E os almanaques? Ler não sabia, verdade era, mas a sabedoria dos almanaques ia escutando por bôca do compadre Benevenuto [...]

(PI, 38)

¹⁵ SARGES, Mana de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque*. Belém. Paka-Tatu, 2002.

¹⁶ Consistia em induzir a população a acreditar que Belém deveria ser reurbanizada ao estilo do bom gosto francês.

O embelezamento urbano decorrente da política *lemiste* impressionava a todos. A Belém-centro era o espaço mais valorizado do Norte até a primeira década do século XX.

Vir para Belém à passeio ou para estudar, no círculo dos adolescentes e mesmo jovens da época significava mergulhar na mais profunda experiência de modernidade.

No caso de Alfredo, tratava-se da oportunidade vital do tão sonhado reconhecimento social que sua mãe, D. Amélia, queria para ele. Significava a chance de passar a figurar como uma das maiores referências em Muaná quando por lá retornasse.

Em tomo do desejo de reconhecimento social, ainda no capítulo inicial da obra — **No Muaná o chalé separa-se** — Alfredo, durante a festa de recepção à O. Amélia promovida por Ezequiel, estranha ser sua mãe e não ele, o centro das atenções de todos os convivas. Alfredo, ao contrário, queria que ele fosse o centro das atenções, uma vez que era ele e não a mãe o morador e, principalmente o estudante da capital:

Alfredo desejava dizer olhem seus da Areinha, estou aqui, hein? Estudo na cidade, na estrada de Nazaré morei, vi dançarem ao som do piano, com nos cavahnhos, quero contar do bosque, já um de vocês na vida viu um navio inglês chegando de Lisboa, a pau e corda da sala de espera do cinema Olímpia, com aquele professor, no violino, a cabeleira alva-alva de chegar parecer postixa e o rosto antigo-antigo?

(PI, 23)

Alfredo intimamente se inquietava, uma vez que a cena era roubada pela mãe, questionava por que as homenagens eram apenas para D. Amélia, enquanto ele, parecia passar despercebido por todos em meio a tanta alegria e em meio a tanta celebração, animada pelo Teotônio com seu velho bombardino.

Alfredo, gradativamente, parecia absolvido pelos ares segregativos da cidade. Inseria-se pouco-a-pouco num processo de aburguesamento e aculturação. Conhecia suas origens, sabia sim de sua condição social, mas, parecia não querer se identificar com aqueles moradores de Muaná.

Alfredo queria deixar bem claro a todos que era educado em Belém e que sua experiência, ao contrário dos outros meninos, era uma experiência forjada na modernidade da cidade. Diferenciava-se não pelo que era, mas pelo que estava agora experimentando. Experimentando uma espécie de libertação em função dos ares da cidade, conforme o que já fora afirmado anteriormente no ensaio do professor Leennhardt¹⁷.

Cria que se diferenciando dos demais dava o primeiro passo para ser devidamente reconhecido como o estudante da capital, então, como fazer isso com discrição? Eis o mistério para ele.

Alfredo, em suas confabulações, reproduzia os primeiros sinais de uma postura preconceituosa. Esforçava-se em negar qualquer espécie de identidade com os da Areinha. Disputava até mesmo com a mãe a condição de referente social naquela festa.

Sabia que era negro, mas também sabia que era o único estudante da capital. Era filho de O. Amélia, mas também do Major Alberto. Homem respeitado, leitor de revistas científicas, conhecedor de Leis e proprietário de um chalé em Cachoeira. Alfredo começava a tomar consciência não somente das diferenças sociais, mas também da necessidade de se posicionar hegemonicamente em relação a elas; tomar uma atitude diante das diferenças de classe e, se possível, amenizá-las em sua consciência. Alfredo não chegava ainda a negar suas raízes, mas se posicionava hegemonicamente em relação aos demais meninos da Areinha. Sentia

a necessidade de construir uma auto-imagem superior em relação aos seus conhecidos e até diante de seus conterrâneos.

Alfredo percebia que D. Amélia era cortejada por todos porque se diferenciava dos demais em alguma coisa, lá ele não. Na festa não despertava atenção dos parentes, parecia mais um qualquer da Areinha e isso o intrigava. Queria então saber o que a mãe escondia de conhecimentos e segredos que nem ele, estudando no grupo Barão do Rio Branco, tinha acesso. Onde ela estudava então?

Essa a indagação de Alfredo em torno de sua mãe, deixava-o incomodado porque não trazia resposta satisfatória, muito menos, uma pista que indicasse onde ela escondia tais segredos.

D. Amélia era um mistério para o próprio Alfredo. Isso a tornava aos olhos do filho atraente, enigmática e fascinante. Para ele isso era motivo de certo orgulho; era bom ter um pai respeitado como o Major Alberto, mas, da mesma forma, era confortante perceber a admiração de todos por D. Amélia.

¹⁷ LEENNARDT, Jacques. Uma poética de fronteira. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 1, p. 15-21, 1996.

IV- Uma passagem pelo sobrado e pelo mucambo.

Quando eu te encarei frente à frente não vi o meu rosto.
Chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto
É que narciso acha feio o que não é espelho
Eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
Tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
Panaméricas de Áfricas túmulo do samba
Mais possíve' novo quilombo de zumbi

Caetano Veloso- Sampa

Como já fora mencionado anteriormente, D. Amélia causava fascínio em Alfredo. Apresentava-se doce, sempre prestativa e o defendia como leoa diante de insinuações desagradáveis como às da sobrinha do Major Alberto, a D. Celeste que diante da própria Amélia ousava duvidar do futuro promissor que deveria ter o Alfredo.

Alfredo, não poucas vezes, deparava-se admirando em silêncio e distraidamente sua mãe. Perdia-se em digressões diante do fascínio que a mãe lhe causava. Por outro lado, aborrecia-se quando ouvia, pela boca de outros ou no fundo do terreiro comentários duvidosos em torno da conduta da mãe e também do passado de O. Amélia.

Para Alfredo, O. Amélia além de bela também era objeto de mistério, enfim, ora se revelava, ora se mantinha enigmática.

Notava que de algum tempo para cá ela apresentava algumas mudanças no seu comportamento, mas não conseguia decifrar o motivo dessas mudanças. Não entendia porque ela se entregava cada vez mais aos “rituais das garrafas”¹⁸. Tudo o que intuía sobre a mãe era resultado do que via e também, das palavras que

¹⁸ termo que no romance refere-se ao alcoolismo de D. Amélia, comportamento este que a deixava cada vez mais triste, aos olhos de Alfredo.

conseguia colher nos distraídos falatórios dos terreiros e quintais da vila de Areinha comentários em tomo da vida de D. Amélia.

Sentia-se incapaz de reunir, num todo, os cacos de impressões que tinha da mãe. Via-a fragmentada, como fragmentada parecia ser sua própria vida. D. Amélia lhe parecia várias e isso o angustiava porque ele não conseguia juntar os pedaços que formariam uma única mãe.

Desatar os tantos nós de tal pergunta Alfredo não sabia.. .Aqui a mãe não era a que passeava em Belém, a que ia até o Teatro da Paz pelo braço do Major nem mesmo a de antes do Major, a de antes do filho afogado, a Amélia solteira, no trinque, de que falava a mãe Ciana, tirando aquela fotografia ao lado das primas, no pescoço três voltas de colar. Esta mãe das bocas de terreiro não era nem de longe aquelas de Belém. Mas não bastante estas, outra mãe desconhecida não lhe parecia no festejo do tio, no andor carregada? Era mãe todas essas criaturas? Todos êsses avêssos cabiam nela?

(PI, 27)

A admiração que sentia pela mãe misturava-se à sensação de que podia fazer alguma coisa para arrancá-la daquela tristeza e roubar dela um riso frouxo. Suas inquietações, implicitamente, eram carregadas de uma indagação sempre presente: como poderia D. Amélia ter conquistado o coração do major Alberto, se não fosse realmente uma mulher fascinante?

Alfredo apresentava flagrante orgulho dos pais e, uma das imagens mais confortantes, que ainda fervilhava na memória do menino, era a de seus passeios ao lado do Major Alberto e da mãe pelos logradouros aburguesados de Belém.

[...] Em Belém sim, Amélia e o Major, era juntos em toda parte, Teatro da Paz, Bosque, Museu, revista de arraial de Nazaré, juntos e, como viu a mãe Ciana, até de braço dado. Mas isso, há anos. Nunca mais foram juntos à Belém. E dêsse tempo Alfredo sentia inveja, ciúme, saudade, um miúdo ressentimento que metia no carço do tucumã, e dentro do faz-de-conta voltavam os dois a Belém pelo direito e avesso, os três juntos.

(PI, 46)

O tempo dos passeios era confortante. Alfredo sentia-se um bem nascido: de um lado a força do pai; homem influente em Muaná e respeitado por todos os moradores. Senhor de letras; é bem verdade que não tinha diploma, mas tinha uma curiosidade tal por vários assuntos que o colocavam ao nível de um acadêmico, conhecedor das gramáticas, leitor de revistas e entendido de leis; não chegou a ser bacharel, mas opinava com a mesma propriedade em torno das sentenças e decisões jurídicas. Enfim ... , O major era uma referência em Muaná e era confortante ser herdeiro do respeito e notoriedade que o pai gozava.

Por outro lado, a mãe; mulher forte, uma bela negra, causava ligeira admiração a todos, principalmente em Areinha, pela ousadia de ter conseguido engravidar de um homem branco, o Major Alberto.

Ela fascinava a muitos e a outros causava inveja, principalmente nas mulheres porque nem todas apresentavam a mesma sorte de emancipar-se com o major. O. Amélia era vista como a mais privilegiada negra da vila de Areinha. Teve, inclusive, a coragem de parir Maninha, irmã mais nova de Alfredo, em Belém, nas mãos de médicos da maternidade da Santa Casa: isso era considerado um ato de coragem e privilégio a todos do lugar.

D. Amélia tinha tido aquela menina na cidade em mão do doutor, em cama de hospital? Muito que bem invejar não invejavam ninguém tirava da cabeça delas que era muito amcoso descansar assim, ter suas dores naquela cerimônia toda, os doutores carniceiros, a mão cheia de ferros.

(PI, 77)

Alfredo recordava quando sua mãe veio a Belém, durante o mês de outubro, época do Círio para fazer o parto, na Santa Casa de Misericórdia, de Maninha, irmã que Alfredo tanto amava.

Na época em que veio para Belém com a mãe grávida, Alfredo era muito pequeno e D. Amélia só foi aceita na maternidade por causa da influência do major Alberto junto ao Dr. Bezerra, intendente municipal de Cachoeira, na época.

Em Areinha, D. Amélia imperava quase como rainha. Sua história era contada por todos como a negra infeliz que ascendeu à condição de sinhá. Era apontada por todos como a negra que, em Cachoeira, via a tarde cair pela janela do chalé.

Estava ali a Amélia, quem visse a Amélia, soubessem quem foi a Amélia, aquela pretinhazinha assando camarão no espeto, joelho ralado de subir todo dia no açazeiro, a perna cinzenta no Freixal tirando sernambi, depois nas ilhas, lá nas ilhas, meio errante, uma ninguém de olhar brabo na beirada, num saióte, o pé na lama.. .E ria sua voltadas ilhas, no igarapé, lavando roupa alheia? Vissem a próxima se fingindo de tão sossegada, já bamgudinha do pnmeiro — aquele que morreu afogado — o pai ninguém sabia, que ela jamais confessou... Nem mesmo a Amélia fiançou perante o rapaz que fosse ele o autor, o pai. Nem as ripadas do irmão mais velho. Ninguém tirou dela isto. Grudou o segredo dentro, fechou-se que fechou-se. Aquela? Da feita que diz não, cadeado na bôca, não verga, não tem fogo que derreta o ferro.

(PI, 25-26)

Em Areinha D. Amélia se encontrava porque lá parecia ganhar a liberdade que talvez buscasse no chalé. Ninguém e, muito menos o major, ditava o que ela deveria ou não fazer quando por lá estava. Ela não abria mão de sua condição de quem desfrutava da posição de nativa que visita seu lugar; como anfitriã dispensava a melhor receptividade até às visitas mais inconvenientes, como a de D. Cecé, por exemplo; mesmo mantendo a elegância às vezes, devolvia, com boa dose de humor e na mesma medida as ironias características da visitante:

D. Amélia noutras liberdades fazia ver aqui neste terreiro, minha senhora, todos somos iguais. A distância que vai do seu irmão a esta preta que esta rindo aqui, sem que a senhora saiba porque ri, existe dentro do vosso velho sobrado, lá. Aqui, se despeça. Render homenagem? Em que é melhor que

o meu irmão Antônio, o teu irmão Leônidas? Agüente a graça que o sal doa na ferida.

D. Cecé soma sempre, abotoou a camisa do major, queria falar uma coisa, não falou, olhando o chão, pensativa, Leônidas este, satisfeito, apreciando a invenção da Amélia. O que ela dizia era o contrário, sim. Poucos em Marajó, talhavam pano, fosse casimira inglesa, linho H. J., igual a êle. Sua tesoura, em Muaná, Ilhas, essas serrarias, êsses engenhos de cachaça, Pontas de Pedras, São Francisco de Jararaca, Cachoeira, Lago Arari, mares da Mexiana, essas fazendas, deixavam nome.

(PI, 58)

D. Amélia procurava se auto-afirmar em Areinha. Sua relação desgastada com o Major era respeitada por todos que não ousavam tecer comentários. Ele era recebido com o respeito quase solene que julgavam ser ele merecedor, mas, se o major Alberto era a maior autoridade no Chalé de Cachoeira, em Muaná, as honras eram todas para D. Amélia, filha da casa e nativa do lugar.

Alfredo ao visitar na companhia de sua mãe a barraca de seu avô materno, o velho Bibiano, sentia atar os dois nós de sua história: era filho de negra originária de um mucambo e de homem branco, seu pai era pobre, mas com ares de senhor de sobrado, no caso, o Major Alberto.

Eis aí, então, as duas pontas que se atavam em torno do protagonista:

Alfredo era o rebento nascido entre o sobrado e o mucambo.

A chegada de Alfredo a Muariá se dá com a separação física dos pais que tomam rumos diferentes. Major Alberto vai para o chalé onde estão as filhas do primeiro casamento. Recolhe-se em sua viuvez na companhia das filhas da primeira esposa. A mãe, O. Amélia, dirige-se com o Alfredo para a barraca do pai porque no Muaná o chalé separa-se:

O Major Alberto, a D. Amélia e o filho vieram ao Muaná passar a festa da Conceição. No desembarcar, O Major e o chalé separaram-se, ela e o filho para a barraca do pai e ele a casa da legítima onde o esperavam as filhas do matrimônio e antiga viuvez.

(PI, 9)

A união de Amélia com o Major Alberto, mais parecia um ajuntamento que propriamente um matrimônio. O enlace, se é que havia, apresentava mais aparências de um caso que de casamento legalmente constituído. A felicidade da relação dos dois parecia ter ficado no passado, no tempo em que o casal passeava de mãos dadas por Belém, tempo que Alfredo gostava de rememorar.

Alfredo chegava à cabana do avô e era festejado por todos, inclusive pelo tio Ezequiel que só não festejava mais o sobrinho que a irmã há anos não via.

O respeito que o Major Alberto gozava na barraca da Areinha se dava mais em função de ter um filho com Amélia do que propriamente em função do amor que tinha por ela. Nem mesmo a família cogitava a possibilidade de haver algum sentimento amoroso entre o major e D. Amélia. Em todo o romance e, principalmente no primeiro capítulo, não é possível notar qualquer espécie de idílio amoroso ou mesmo ligeira aproximação física entre o casal que expressasse a cumplicidade amorosa entre ambos.

A receptividade de O. Amélia na palhoça é calorosa e, a de Alfredo é seguida de uma explicação dada pelo próprio velho Bibiano acerca da prole que ele, agora na condição de viúvo constituiu com a D. Vicência, avó já falecida de Alfredo:

Aqui me ajuntei com a Vicência, que lá em ciam esteja, a tua avó, esse — menino, aqui chocamos a nossa ninhada de pretos, vi todos irem-se embora, menos éste, dado com santo, bunda neste chão grudada, êste-um aí o Ezequiel. Isto aqui nunca que teve aforamento, devoluto é. A barraca? Esta, foi, se armou num putirum, aqueles bons tempos, também os santos não ajudavam? Tempos de boa índole.

(PI, 9)

Alfredo, depois de escutar o sumário que seu avo lhe apresentava da linhagem negra a que ele pertencia, mantinha-se indiferente às explicações que ainda muito pouco o informava quanto à relação afetiva entre sua mãe e major Alberto.

Ele mesmo parecia não se mostrar interessado em pertencer à linhagem branca do pai. Sua cumplicidade com a mãe o deixava orgulhoso em ser negro, não percebia ainda algumas diferenças sociais e achava que sena sempre tratado como o filho de D. Amélia, já que era negro, e também todos o respeitariam por ser filho do conhecido Major Alberto; homem branco, viúvo e de aparências avermelhadas; talvez um dos homens mais conhecidos de Cachoeira, senhor que gozava da fama de patriota porque, no passado, fizera parte da elite dos homens que pertenceram à Guarda Nacional.

E assim Alfredo se via nem de todo do sobrado e nem de todo do mucambo, mas atado sobre duas pontas étnicas do qual ele era representante, tanto no chalé quanto no mucambo.

Filho único de uma negra de bela tez e bons dentes, mulher de cor, amancebada com homem branco, culto e leitor de manuais e revistas científicas.

A própria D. Amélia procurava deixar claro ao Alfredo sua origem miscigenada. Quando apresentava ao filho a casa onde ele nasceu, advertia-o quanto a sua condição de filho de negra que, mesmo nascendo em casa de telha, não deveria esquecer que ainda muito novinho, logo ao nascer, foi levado à barraca do seu avô Bibiano:

Aqui nasceste, meu filho, lhe diz a mãe. Aqui nesta.

— De telha, mamãe?

A mãe fez muxôxo.

— De telha, foi. Mas não te gaba. Foi só pra mim te descansar. Tu mal descolaste o olhinho e já eu na bamquinha do teu avô. De telha basta o chalé. Aqui, meu louro, é a minha pele, é a minha pele esta, o pé no chão e a palha em cima.

(PI, 16)

D. Amélia, apesar de se mostrar extremamente protetora de Alfredo, educava-o de forma realista, esforçava-se no sentido de deixá-lo consciente de sua origem

negra. Mostrava-lhe que em casa de telha se deu seu nascimento, mas sua criação se deu em barraco de palha, entre os negros da Areinha filhos do velho Bibiano.

Ela desejava que o filho tivesse uma boa educação, feita na capital conforme o desejo que começava a se manifestar no próprio garoto, mas, indiretamente, procurava solidificar no menino a consciência social de classe e, quem sabe assim, encorajá-lo a resistir aos preconceitos que certamente enfrentaria na vida escolar da cidade em função de sua origem negra, humilde e interiorana.

Alfredo ia começando a desvendar o mundo concreto das relações sociais. Relações que se estabeleciam a partir das diferenças de classe; permeada de juízos de valor e D. Amélia desejava vê-lo estudando em Belém preparado para resistir às dificuldades que certamente enfrentaria na capital.

V- Tudo passa, tudo é movimento: o sonho, a cidade, a inocência

E foste um difícil começo afastado o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Caetano Veloso — “Sampa”.

Passagem dos inocentes não é, ao contrário do que se pensa, na sua essência um romance popular. Mesmo valendo-se de uma linguagem repleta de “tiques” tão típicos da dicção popular, Dalcídio Jurandir por meio das abstrações do protagonista — Alfredo — não somente reage a qualquer forma de preconceito como também nos apresenta, por meio da personagem principal, toda a lucidez de um autêntico crítico da cultura¹⁹.

A percepção, sempre atenta da personagem Alfredo, excede qualitativamente e em muito a de um mero leitor ou intérprete da realidade. Suponho que ele se apresenta enquanto crítico de tudo o que o cerca e pode ser captado pelos sentidos. De tudo o que vê, ouve ou vive, nada passa imune ao filtro de seu juízo crítico.

Observe:

Alfredo murmura: as seis, Belém, Belém, repetiu, saboreou a palavra, como se na sua volta, só agora retomasse intimidade com ela. Às oito será de novo a Usina, às nove o Utinga. Voltava a viver aquelas horas. E lá da gentil, trem, campainha da carroça de leite, cometa do quartel, sino da Basílica, uma saudade lhe deu.

As lâmpadas acenderam, menos a da esquina da Curuça, queimada. Passou outro bonde. Impaciente com aquela conversa, virando revirando o embrulhinho na mão, atando o cordão do sapato, remontado no Muaná, Alfredo desconfiava: aquela paraaem ali, apesar da hnhha de bonde, boa cara não tinha. Defronte o muro do Esquadrão, que dava o nome ao largo, êste lá adiante na curva do circular, era engolido pela noite.

(PI, 67)

¹⁹ Em entrevista à escritora Eneida de Moraes, publicada no jornal “A Folha do Noe” de 23 de outubro de 1960, Dalcídio Jurandir revela que suas personagens são construídas de pessoas comuns.

Alfredo parecia adotar uma estratégia particular de apreensão crítica da realidade. Primeiramente procurava identificar-se com a cultura urbana para posteriormente construir um percurso contrário ao que lhe fora condicionado aceitar como ideal de vida.

Aos poucos, Alfredo vai percebendo que seus sonhos não eram seus, mas resultantes da ansiosa expectativa que a família, principalmente a linhagem de negros da vila de Areinha, construía em torno do menino mandado estudar em Belém.

Todas as indagações de parentes mais próximos a Alfredo revelavam toda a expectativa que depositavam nele, observe:

Estudou muito? Fração, conhece? Viu lá em Belém o Gentil, o colégio? As moças de uniforme? A escola normal?
A menina, que era, era de meã escolha a Escola Normal, são cinco anos.
Mas ah, aqui na Areinha, mamãe pode? Eu uma professora mas quando [...]

(PI, 28)

Alfredo começava a entender a razão do sacrifício de residir longe da família, iniciava também a construção de seu percurso anticientrista. Pode-se entender que essa preparação que caracterizava uma das metafóricas passagens do romance, resultava da leitura crítica construída a partir da nova experiência urbana por ele adquirida. Entendo que ocorria nele um real desejo de reconstruir sua própria individualidade.

Para ele, essa busca da individualidade iniciava-se com a decifração do mundo a sua volta; para reagir era necessário entender o mundo e dessa forma, operava-se uma espécie de reconstituição do próprio 'seu'; um *eu ainda* precário; inacabado e dissolvido num conceito apriorístico de cidade por ele assimilado desde

a infância como verdade feericamente absoluta em crer que, na Urbs, podia-se viver uma vida feliz.

A felicidade urbana não foi ao encontro que marcou com Alfredo, essa era a sensação que ele tinha; não foi porque se mostrava restrita aos poucos da capital. Daí em diante, a cidade é vista por ele como lugar em que residem diferentes verdades, mas, que de fato, apenas uma predomina: a verdade da classe a que pertencem os brancos, ricos e intelectuais; classe ao qual Alfredo não pertencia e que muito menos a ele dava guarida.

Alfredo, aos poucos, ao conviver com meninos burgueses no Grupo Barão do Rio Branco, vai desvelando a relação preconceituosa que se estabelecia entre os próprios alunos do liceu. Os alunos mais ricos e influentes gozavam de nítido *status* na escola:

Quando se aproximava dum pobre, dum Alfredo, era perguntar: por que não estás antes na oficina ou pescando em Marajó, bastava o abc, o mais não era para um qualquer. Sendo ele a gramática Paulino de Brito em pessoa, assustava. E cada vez mais ossudo e varapau, transpirando a três conjugações, arrotava os advérbios do compêndio: talvez quiçá, porventura desfena imperativos: dize, traze...

(PI, 114)

Os trechos acima se referem a um aluno que residia próximo à escola, na Estrada de Nazaré. Rabelinho era o menino que, além de residir dentro do cenário da *Belle-épo que*, era filho de um conhecido desembargador sendo, por isso, respeitado e temido pelos demais alunos e até professores.

Alfredo, aos poucos ia percebendo que até algumas professoras evitavam discordar do Rabelinho e, de certa forma, evitavam indispor-se com o aluno em função da posição social que seu pai exercia. Tais impressões inadaptavam Alfredo à comunidade escolar de seu tempo. Ele experimentava na prática a discriminação social dentro do próprio universo escolar.

O percurso anticientista que sugiro começava a se formar em Alfredo, de maneira alguma, deve ser entendido à luz de lampejos da sociologia Rousseauiana. Em Rousseau não é possível ainda percebermos uma leitura social voltada aos fatores ideológicos da cultura; essa leitura é possível em correntes de pensamento mais contemporâneas.

A opção que, suponho haver em Alfredo de sair” da cidade não é constituída pela motivação de um simples *fugere urbem*, uma vez que não é motivada por saudades fúteis de familiares residentes em Muaná; muito menos ocorre em função de sentimentos nostálgicos de apego à terra natal.

O percurso contrário, anticientista, adotado pelo protagonista é resultante de uma postura de gradativo abandono das vozes burguesas de ascensão social ouvidas por ele desde a infância. Esse movimento que também denomino de centrífugo, percebo como decorrência de uma leitura crítica da cultura e, não propriamente advindo da necessidade natural de autopreservação do protagonista, como nos parece mais evidente na Sociologia de Rousseau.

O anticientismo de Alfredo é visto como uma atitude consciente, produto da leitura das circunstâncias encontradas por ele na capital, daí ter adotado a *Filosofia da Práxis* como método de leitura. Parecia uma autêntica atitude de resistência em relação a todas as formas de massificação a que ele fora submetido.

Há ainda alguma forças de resistência dentro do homem. Contra o pessimismo social, há evidências de que apesar do continuo assédio dos padrões coletivos, o espírito da humanidade ainda está vivo, se não no indivíduo enquanto membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo quando está só. Mas o impacto das condições existentes sobre a vida do homem médio é tal que o tipo submisso mencionado anteriormente tomou-se esmagadoramente predominante. Desde o dia de seu nascimento, o indivíduo é levado a sentir que só existe um meio de progredir nesse mundo: desistir de sua esperança de autorealização suprema. Isso ele só pode atingir pela imitação. Ele reage continuamente ao que percebe sobre si, não só conscientemente mas com o seu ser inteiro, imitando os traços e atitudes de todas as coletividades que o rodeiam — seu grupo de jogo, seus colegas de turma, seu time esportivo, e todos os outros grupos que, como já foi indicado, forçam um

conformismo mais estrito, uma entrega mais radical á completa assimilação, do que qualquer pai ou professor poderia impor no século XIX. Através da repetição e imitação das circunstâncias que o rodeiam, da adaptação a todos os grupos poderosos a que eventualmente pertença, da transformação de si mesmo de um ser humano em um membro das organizações, do sacrifício de suas potencialidades em proveito da capacidade de adaptar-se e conquistar influência em tais organizações, ele consegue sobreviver. A sua sobrevivência se cumpre pelo mais antigo dos meios biológicos de sobrevivência, isto é, o mimetismo²⁰.

Todo o meu esforço reside em procurar mostrar que o movimento centrífugo adotado pelo protagonista não deve ser entendido como mera fuga.

A Obra *Passagem dos Inocentes* constrói uma espécie de antropologia cognitiva de Alfredo. No processo de construção de sua individualidade ele se vê passando da idade da inocência à idade concreta em que se dá a percepção das contradições sociais. Vê—se em meio ao trânsito de seu mundo inocente de sonhos, passando à dura realidade do mundo em que vive: caótico, contraditório e desordenado.

Esse movimento centrífugo, portanto, dá-se como produto do choque entre o sonho (a Belém ideal) e a realidade (a Belém concreta); numa perspectiva fabulosa de evolução do estado quantitativo ao estado qualitativo; Alfredo encaminhava-se então a uma espécie de esclarecimento. Nele se dá a mais autêntica e característica passagem: a passagem dialética do estado cognitivo da quantidade ao estado cognitivo qualitativo ou síntese.

Meu esforço reside em mostrar que *Passagem dos Inocentes* deve ser lido num enfoque que envolva o espaço, o tempo, a cognição e principalmente a leitura do espaço urbano como universo que forja a construção da própria individualidade de Alfredo.

As fases dialéticas da *tese*; *antítese* e *síntese*, no processo de auto-realização verificado em Alfredo, processam-se numa cadeia contínua a partir dos seguintes

²⁰ HORKHEIMER., Max. *Eclipse da Razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

estágios historicamente verificados no protagonista: ilusão ideológica²¹ decepção com a *urbs* e, por último, auto-realização.

MÉTODO DE LEITURA	PROCESSO COGNITIVO	ESTRUTURA DO ROMANCE
FASES DIALÉTICAS	PROTAGONISTA	REPRESENTAÇÃO ESPACIAL
1- AFIRMAÇÃO: TESE	ILUSÃO IDEOLÓGICA	URBS SONHADA: ESTRADA DE NAZARÉ, GRUPO BARÃO DO RIO BRANCO
2- NEGAÇÃO DA AFIRMAÇÃO: ANTITESE	DECEPÇÃO; DESENCANTO	CENTRO X PERIFERIA CENTRO X PASSAGEM DOS INOCENTES.
3- NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO: SÍNTESE.	EMANCIPAÇÃO AUTO-REALIZAÇÃO.	VIAGEM DE RETORNO AO MARAJÓ.

Esquemáticamente, o quadro acima resume o processo de emancipação observado no protagonista:

Para ser mais explícito, a *tese* consistiu na ilusão que Alfredo alimentou de residir em meio à burguesia da capital; a *antítese* verifica-se no seu desencanto com a cidade e, por último, a *síntese* ocorre ao final do romance quando ele deseja retornar ao Marajó.

²¹ Chamo ilusão ideológica ao primeiro momento em que Alfredo manifestava uma visão de mundo inautêntica uma vez que, plasmava-se à visão de mundo da família residente em Muaná.

VI CONCLUSÃO: a dificuldade em dar o primeiro passo.

Este trabalho procurou construir uma leitura do romance *Passagem dos Inocentes*, na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético, esforço este que até então, parece-me ainda não ter sido feito explicitamente em alguma das várias leituras das obras do romancista marajoara.

A adoção do Materialismo Histórico Dialético enquanto método de leitura do romance *Passagem dos Inocentes*, não se deu em função da assumida identificação de Dalcídio Jurandir com o marxismo. Muito menos se deu por conta da incansável militância política implementada pelo escritor, ao longo de sua trajetória literária sempre tão distante dos “holofotes” da crítica especializada; fatores biográficos como esses, verdadeiramente, não foram os reais motivadores que nortearam a leitura do romance que apresentei neste trabalho.

Das obras que já li de Dalcídio, *Passagem dos Inocentes* me intrigava porque desde as primeiras leituras percebia que a obra apresentava quase todos os signos propícios a uma leitura dialética, isto me parecia uma pista importante de análise da mesma. Se considerarmos, por exemplo, desde o seu título, o romance apresenta sugestões contínuas de um tempo-processo; de efêmera transição, ao mesmo tempo em que fluem também do título, imagens que pressupõem idéias de contínuo movimento.

A chegada do protagonista a Belém, agora não mais a passeio, mas tendo que morar na periférica *Passagem dos Inocentes* enquanto concluía seus estudos no Grupo Barão do Rio Branco; as contradições percebidas por ele em seus percursos diários da periferia ao centro e do centro de volta à periferia onde residia; a leitura que o protagonista fazia destas contradições e que neste trabalho

denominei de imagens da cidade, pareciam-me encaminhar naturalmente à idéia de ser Alfredo, um autêntico leitor das contradições da *Urbs*.

Desta forma, meu trabalho tentou, tão somente, traduzir a descoberta que Alfredo faz da cidade a partir de sua própria experiência urbana. Alfredo não foi concebido neste trabalho como um simples personagem-passante, mas como um protagonista que ao passar diariamente pelos contrastantes logradouros de Belém, descortinava num fantástico fluxo cognitivo a coritristante Belém dos anos vinte.

O componente histórico dessa leitura que se propõe em ser materialista, histórica e dialética, residiu não somente na ênfase à percepção que Alfredo construía dele próprio em meio às contradições da cidade, mas decorreu também, da observação do processo de desenvolvimento verificado no protagonista em procurar forjar uma leitura pessoal, autêntica e emancipada acerca da cidade.

Não há como ler o romance na perspectiva a que me propus, sem procurar entender as mudanças processadas no olhar que o protagonista apresenta antes de residir em Belém e, na forma como posteriormente esse olhar se modifica quando Alfredo retorna, ao final do romance, em férias escolares para o Marajó.

Alfredo, à luz da filosofia desenvolvida por Marx e Engels, pode ser interpretado como personagem materialmente histórico e dialético. Tal pressuposição teórica é pertinente porque demonstrei que ele consegue lê as diferenças da *Urbs*, confrontando-as criticamente. Sua condição de existência, portanto, decorre não somente da percepção imediata que, em Belém, há ricos e pobres, há estrada de Nazaré e há a *Passagem dos Inocentes*, mas decorre também da maturação que Alfredo apresenta em entender que suas idéias resultam não somente dessas contradições, mas de suas reais condições materiais de existência.

A Passagem dos Inocentes, então, a partir da leitura adotada neste trabalho representa, não somente o espaço periférico de Belém dos anos vinte na qual se desenvolve o quarto romance de Dalcídio, mas representa também a metafórica imagem poética do processo de emancipação de Alfredo enquanto sujeito-protagonista que vai abandonando seus ingênuos conceitos de cidade, plasmados à visão burguesa e, gradativamente, construindo um novo percurso tomado para si; um percurso avesso à capital, num movimento em que se dava contrário e anticontralista. Desta feita, leio este percurso como decorrência da esclarecedora constatação do protagonista de que: *uma capital não é absolutamente necessária ao homem*.

O rio afogava as últimas vozes de Belém, engolia o jogo, a conferência dos doutores, toda a cavalaria. Voltavam a coaxar as ciganas na faixa do aningal. Em vez de alívio de ter deixado Belém, Alfredo num azedume, fora daquela conspiração em tomo da passageira, no sentir-se dó que lhe grudava os pés no barco tinha anuí fora aprendido muito mais que no Barão.

(PI, 250)

A partir da compreensão do processo de emancipação processada em Alfredo foi possível, então, reconstituir a própria macro-estrutura do romance. Numa perspectiva dialética a obra se estrutura, portanto, em três partes distintas: *tese* (vinda de Alfredo proveniente do Marajó); *antítese* (encontro de Alfredo com as contradições de Belém) e, finalmente, a *Síntese* (desejo manifesto do protagonista em retomar ao Marajó). A aplicação do Materialismo Histórico Dialético enquanto método de leitura que possibilitou no romance P ... constatar que entender o protagonista da obra é também ler satisfatoriamente o próprio romance de Dalcídio Jurandir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. *A Estrutura do Romance*: Coimbra: Almedina, 1974.

ASSIS, Rosa. *Edição Crítica de Chove Nos Campos de Cachoeira*. Belém: Unama, 1992.

_____. *O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: EdUFPA, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*; trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas; v. 3).

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*; Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

CARVALHO, Marques de. *Hortências*. 2 ed. Belém: Secult-Pa 1 FCPTN, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

FURTADO, Marli Tereza. *Eutanazio, LUÍS da ,Iva: decrepitude e angústia no romance de 30"*. Campinas: Palestra no VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998.

GEUSS, Raymonde. *Teoria Crítica. Habermas e a Escola de Frankfurt*. São Paulo: Papyrus, 1989.

GUSTAV, A; WETTER, S. J. *Filosofia e Ciências da Natureza na União Soviética*. Trad. Alvaro Serpa Pinto. Lisboa, 1963.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max ; ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento* Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JACOB, Maria Célia (org.) *Revista Asas da Palavra*. Belém. Unama, 1996. JOZEF, Belia. *Inglês de Sousa: Textos escolhidos*. Rio de Janeiro; Agir, 1963.

_____ Regionalismo e Universalismo à Luz do Pós-Modernismo', in *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*, Vol. 1, Letras. Goiânia/Porto Alegre, 1993.

JURANDIR, Dalcídio. *Passagem do Inocentes*. Belém: Falangola, 1984.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 3 ed. Belém: Governo do Pará, 1991.

_____ *Três Casas e Um Rio*. 3 ed. Belém. Cejup, 1994.

LEENHARDT, Jacques. Uma poética de fronteira. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, v. 1, p. 15-21, 1996.

MALIGO, Pedro. *Ruínas Idílicas. A realidade Amazônica de Dalcídio Jurandir*, Revista da USP, n. 13. São Paulo: EDUSP, 1992.

MIRANDA, Vicente Chermont de. *Glossário Paraense (Coleção de Vocábulos Peculiares à Amazônia e Especialmente à Ilha do Marajó)*. Belém. EdUFPa, 1968.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Modernismo*. 3 ed. São Paulo Cultrix, 1996.

_____ *Dicionário de Termos Literários*. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NUNES, Benedito. *Crônica de Belém: "Belém do Pará"*. São Paulo: jornal O Estado de São Paulo, 25103/1961.

NUNES, Paulo. *Contribuições para a conceituação e caracterização da Literatura Amazônica*, in *Movendo Idéias*. Belém: Unama, 1998.

POLITZER, Georges. *Princípios Elementares de Filosofia*. Trad. Sílvio Donizete Chagas. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

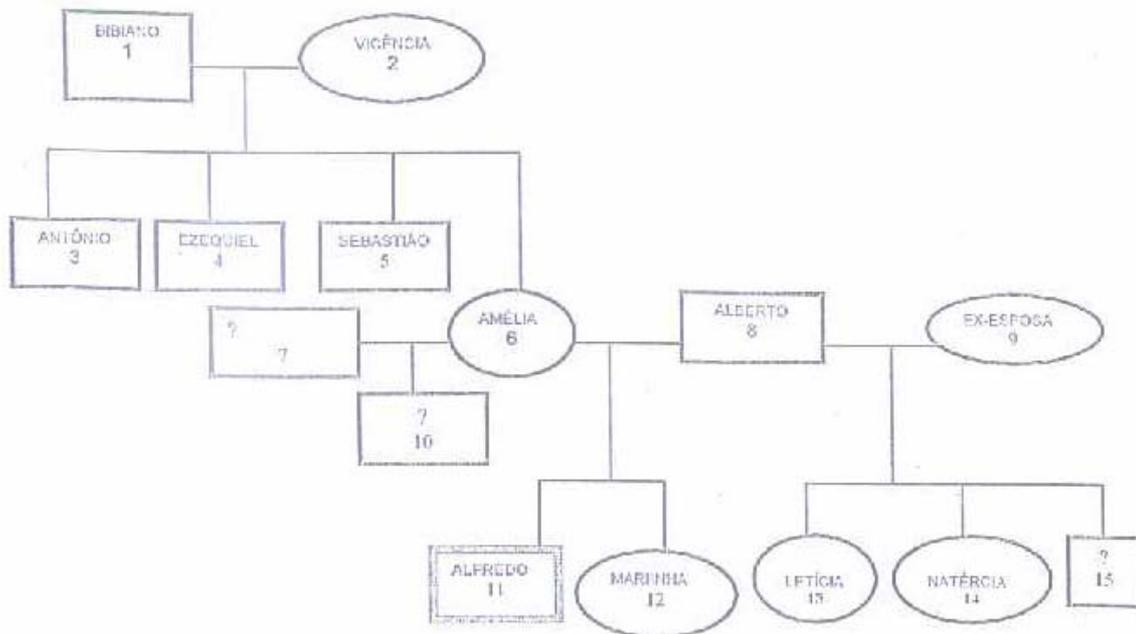
ROSÁRIO, Ubiratan. *Cultura Brasileira*. Belém, Cejup, 1993.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque*. Belém. Paka-Tatu, 2002.

ANEXO

ÁRVORE GENEALÓGICA DO PROTAGONISTA DE *PASSAGEM DOS INOCENTES*



- 1- Avô de Alfredo; era artesão, garantia o sustento da família tecendo paneiros.
- 2- Avó de Alfredo; dela pouco se sabe. Dela pouco se conhece porque no romance é citada apenas por Bibiano.
- 3- Tio de Alfredo: Alfredo em suas digressões o condenava por ter ele, no passado, surrado dona Amélia.
- 4- Tio de Alfredo que morava com os pais. Era solteiro e rezador de novenas. Organizou a festa para receber O. Amélia e Alfredo na barraca do velho Bibiano
- 5- Tio de Alfredo que servia ao Exército brasileiro. Levou Alfredo de volta ao Muaná, á bordo do barco Santo Afonso pilotado por Antônio
- 6- Mãe de Alfredo. Natural da vila de Areinha e emancipada com o major Alberto
- 7- Homem de quem Aniélia engravidou; dele nada se conhece porque ela, mesmo sendo surrada pelo irmão ocultou-lhe o nome.
- 8- Pai de Alfredo. Homem letrado se comparado aos demais de Cachoeira. Era funcionário da prefeitura e conhecido foguista das festas religiosas no Marajó.
- 9- Ex-esposa do major Alberto. Na obra é apenas citada como a falecida'.
- 10- Primeiro filho de Amélia. Seu nome é desconhecido e Alfredo se refere a ele apenas como o irmão que morreu afogado.
- 11- Protagonista de *Passagem do Inocentes*.
- 12- Irmã falecida de Alfredo; no romance ele sempre se refere a ela com muito carinho.
- 13- Irmã solteira de Alfredo por parte de pai. Morava no chalé.
- 14- Irmã solteira de Alfredo por parte de pai também Morava no Chalé Leticia.
- 15- Filho do major Alberto citado uma única vez no romance; trata-se de Eutanásio, personagem marcante do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*'.

